

A Grande Guerra
pela Civilização



ROBERT FISK

A GRANDE GUERRA
PELA CIVILIZAÇÃO
A CONQUISTA
DO ORIENTE MÉDIO

TRADUÇÃO
SANDRA MARTHA DOLINSKY

 Planeta

Copyright © Robert Fisk 2005

Originalmente publicado em inglês pela HarperCollins Publishers Ltd sob o título *The great war for civilisation*

Título original: The great war for civilisation - The conquest of the middle east

Coordenação editorial: Rogério Eduardo Alves

Revisão: Tulio Kawata

Índice remissivo: Ricardo Nakamiti

Projeto de miolo e diagramação: Gustavo Abumrad

Imagem da capa: Soldados iraquianos se rendem a tropas norte-americanas em 1991 na Guerra do Golfo / © Isabel Ellsen.

Imagem da contracapa: Pai do autor em Arras em 1918.

Imagem das guardas: Abertura: Polícia prende dois jovens perto da cidade de Blida durante a guerra da Argélia; final: Osama Bin Laden no Afeganistão em 1996 (ambas fotos do autor).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fisk, Robert

A grande guerra pela civilização : a conquista do Oriente

Médio / Robert Fisk ; tradução Sandra Martha Dolinsky.

– São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

Título original: The great war for civilisation: the conquest of the Middle East

Bibliografia.

ISBN 978-85-7665-284-7

1. Estados Unidos - Relações - Oriente Médio 2. Guerra e sociedade - Oriente Médio 3. Oriente Médio - Colonização 4. Oriente Médio - História militar - Século 20 5. Oriente Médio - História militar - Século 21 6. Oriente Médio - Relações - Estados Unidos I. Título.

07-3548

CDD-956

Índices para catálogo sistemático:

1. Oriente Médio : Guerras : História 956

2007

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3ª andar – conj. 32B

Edifício New York – 05001-100 – São Paulo-SP

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

*Para Bill e Peggy, que me ensinaram
a amar os livros e a história*



SUMÁRIO

Agradecimentos	9
Índice de mapas	15
Prólogo	19
1. “Um de nossos irmãos teve um sonho...”	27
2. “Eles matam os russos”	68
3. Os coros de Kandahar	116
4. Os tecelões de tapetes	144
5. O caminho para a guerra	207
6. “A Guerra Turbilhão”	260
7. A “guerra contra a guerra” e o expresso para o paraíso	313
8. Beber do cálice envenenado	370
9. “Condenado à pena de morte”	416
10. O primeiro Holocausto	444
11. A 80 mil quilômetros da Palestina	495
12. A última guerra colonial	556
13. A garota, o bebê e o amor	626
14. “Qualquer coisa para exterminar um demônio...”	706
15. Condenação planetária	801
16. Traição	882
17. A terra dos túmulos	939
18. A praga	978
19. “Agora os armeiros prosperam...”	1023
20. Também aos reis chega...	1078
21. Por quê?	1130
22. A sorte está lançada	1212

23. Cão Atômico, Aniquilador, Abrasador, Antraz e Agamenon	1280
24. No deserto	1363
Bibliografia selecionada	1418
Notas	1430
Cronologia	1461
Índice remissivo	1465

AGRADECIMENTOS

Em um livro deste tamanho – que abrange tantos anos de jornalismo – é quase impossível tomar uma decisão acerca de a quem agradecer. Porém, decidi fazê-lo a quem me ajudou ao longo dos últimos quinze anos sabendo que eu o estava escrevendo – trata-se da maioria dos nomes mencionados a seguir; entre eles, por exemplo, Yasser Arafat, o dirigente do Hezbolah Hassan Nasrallah, e Mikhail Kalashnikov, o inventor do fuzil automático mais popular do mundo – e também a uma minoria, cuja ajuda em minhas pesquisas moldou a forma deste livro antes de eu tomar a decisão final de escrevê-lo.

Enfrentei, também, o fato de que, entre os que me ajudaram diretamente em *A grande guerra pela civilização*, encontram-se o Bom, o Feio e o Mau. Posso colocar o pai de um agressor suicida junto a um trabalhador humanitário ocidental, um heróico iraquiano que foi torturado após resistir às ambições nucleares de Saddam Hussein junto a um homem que entregou a sua namorada grávida uma bomba para que, sem suspeitar, entrasse com ela em um avião? Margaret Hassan, assassinada de forma tão cruel no Iraque, deve figurar na mesma página que o “exterminador” ministro do Interior da Argélia?

O exemplo mais extremo deste problema é Osama Bin Laden. Em minhas últimas duas conversas, ele sabia que eu estava escrevendo este livro, e é evidente que falou com essa consciência. Deve ser honrado com uma menção o homem responsável pelo maior crime contra a humanidade no mundo ocidental? Dado que seus comentários e pensamentos foram cruciais para algumas partes do texto, faço-os constar. Mas ele não aparece nestes agradecimentos. Outros sim.

De modo que, a seguir, estão enumerados aqueles a quem desejo agradecer pela ajuda, pelo entusiasmo e pelas revelações ao longo dos últimos

quinze anos e antes. Como guia para o leitor, alguns são mencionados com seus títulos ou com a natureza específica da ajuda. Outros perceberão que este é meu modo específico de agradecer pessoalmente.

Joan Ablett, da Assembléia Armênia dos Estados Unidos; Reem Abdul Abbas; Astrid Aghagianian, sobrevivente do genocídio armênio de 1915; Sho-jae Ahmmadvande, soldado iraniano em 1984; Robert A. Algarotti, diretor de comunicações da Boeing Autonetics and Missile Systems Division; o doutor Jawad al-Ali, pediatra de Basra; Dorothy Anderson, por indicar as observações de lord Roberts sobre o Afeganistão em 1905; o falecido Yasser Arafat, presidente da Autoridade Palestina; Hanan Ashrawi da Autoridade Palestina; Nimr Aun, sobrevivente ferido da dominação palestina de 1948; Tim Austin, antigo sub-redator-chefe da seção Internacional do *The Times*; o falecido Shapour Bakhtiar, último primeiro-ministro do xá do Irã; Peter Balakian, da Universidade Colgate; Siddiq Barmak, cineasta afegão; o doutor Antony Barter, pelas cartas de seu pai sobre o Iraque e os armênios na guerra de 1914-1918; Zouaoui Benamadi do *Algérie Actualité*; Zakar Berberian, sobrevivente do Holocausto armênio; Shameem Bhatia; Lakhdar Brahimi; Ross Campbell, pelas transcrições das notícias de *The Scotsman* sobre o final do mandato britânico na Palestina; Mohamed Bouyali, irmão do dirigente da guerrilha Mustafá Bouyali; Pierre Caquet; o tenente “Sandy” Cavenagh, 3º Batalhão, Regimento de Pára-quedistas em 1956; Mustafá Ceric, imame da Bósnia; Ellen Sarkisian Chesnut, pelas lembranças de seu pai armênio; Conor O’Clery de *The Irish Times*; Tony Clifton de *Newsweek*; Patrick Cockburn de *The Independent*; o suboficial Tim Corwin, piloto do Chinook no Curdistão em 1991; o falecido Fred Cuny, funcionário de um organismo de ajuda norte-americano; Jeannik Dami do CIRC no Kuwait em 1991; Norman Davis, por sua análise das referências de Hitler ao Holocausto armênio; o doutor John de Courcy Ireland, por sua lembrança dos órfãos armênios; o doutor Nadim Dimeshkieh, antigo diplomata libanês; Leonard Doyle, redator-chefe da seção Internacional do *The Independent*; Eamon Dunphy da rádio irlandesa; Iain R. Edgar da Universidade de Durham; o juiz David A. O. Edward, por seu exemplar da conferência James Bryce de 1922 sobre a Grande Guerra e sobre a Armênia; Isabel Ellsen; Saeb Erekat da Autoridade Palestina; Joanne Farchakh; Bill e Peggy Fisk, meus falecidos pais; o comandante geral Jay Garner, chefe das forças norte-americanas no Curdistão em 1991; Samir Ghattas, atual chefe do escritório da Associated Press em Beirute; Bassam e Saniya Ghossain, cuja filha morreu no bombardeio norte-americano do Iraque em 1986; o doutor Stephen Goldby,

pela correspondência do Foreign Office sobre as sanções das Nações Unidas; Terry Gordy do Boeing Defense and Space Group (Autonetics and Missile Systems Division); Ben Greenberger, colono judeu na Cisjordânia; a doutora Selma Haddad, pediatra em Bagdá; Dennis Halliday, chefe do programa Petróleo por Alimentos das Nações Unidas; Sami el-Haq da madraçal al-Haq no Paquistão; Amira Hass da *Ha'aretz*; a falecida Margaret Hassan do CARE no Iraque; a doutora Mercy Heatle; Philippe Heffinck do UNICEF, Bagdá, em 1997; Mohamed Heikal, jornalista e escritor egípcio; Gavin Hewitt da BBC; Sue Hickey, antiga funcionária da Canadian Broadcasting Corporation (CBC), Londres; Nezar Hindawi, por sua pouco convincente tentativa de me explicar por que deu a sua namorada grávida uma bomba para que a levasse consigo em um vôo da El Al; Marjorie Housepian; Chafiq al-Hout e sua esposa Bayan; Justin Huggler do *The Independent*; John Hurst, vice-presidente da Lockheed Martin; o falecido rei Hussein da Jordânia; Alia al-Husseini, neta de Amin al-Husseini, antigo grande mufti de Jerusalém; Nadeen El Issa, pelo exemplar do relatório Paice e Martin da polícia palestina (obrigado também a Peter Metcalfe); o xeque Jouwad Mehdi al-Khalasi, por sua ajuda histórica em relação ao domínio britânico no Iraque; Abbas Jiha, que perdeu muitos membros de sua família em um ataque de helicópteros no Líbano em 1996; Mikhail Kalashnikov, inventor do fuzil soviético AK-47; Mayreni Kaloustian, sobrevivente das matanças armênicas de 1915; o falecido Wassef Kamal, antigo ajudante de Amin na Alemanha nazista; Al Kamhi, diretor de comunicações da Lockheed em 1997; Marwan Kanafani da Autoridade Palestina; Kervork Karaboyadjian, diretor do Lar Armênio de Anciões de Beirute; Viktoria Karakashian, sobrevivente do êxodo armênio de Alexandretta; Jamal Kashoggi, ajudante do embaixador saudita em Londres; Zanaib Kazim, por sua carta sobre xiismo; Harutian Kebedjian, sobrevivente do genocídio armênio; Andrew Kevorkian, por sua pródiga ajuda em localizar informações sobre o genocídio armênio e a seu falecido irmão Aram, pelas lembranças da visita a seu lar ancestral na Turquia; Zeina Khoury da Associated Press; Helen Kinsella, antiga diretora da seção Internacional do *The Independent*, por sua incansável pesquisa; Josef Kleinman, sobrevivente de Auschwitz; Gerry Labelle da Associated Press; o falecido professor Yeshayahu Leibowitz; George Lewinsky, antigo funcionário da CBC, Londres; Mikael Lindval, antigo funcionário de UNIFIL no sul do Líbano; o doutor David Loewenstein da Universidade de Madison, Wisconsin; Hilda Maddock, pelos detalhes sobre seu pai, o soldado Charles Dickens em 1917; Grace Magnier do Departamento de Estudos His-

pânicos, Trinity College, Dublin, por sua obra sobre a Andaluzia; o falecido Ali Mahmoud, chefe do escritório de Bahrein da Associated Press; o general Mansur, chefe da inteligência militar síria em Kimishli; Lara Marlowe do *The Irish Times*; Nabila Megalli, antiga funcionária da Associated Press em Bahrein; Alf Mendes; Gerhard Mertins, comerciante de armas alemão; Peter Metcalfe; Abderahman Méziane-Cherif, antigo ministro do Interior argelino; Tewfiq e Philippa Mishlawi do *The Middle East Reporter* em Beirute; o falecido general (reformado) Mohamed Abdul Moneim do *Al-Abram*; Judy Morgan do CARE no Iraque; Harvey Morris da Reuters, do *The Independent*, e agora do *The Financial Times*; Fathi Daoud Mouffak, *cameraman* militar iraquiano na guerra entre Irã e Iraque; Anis Naccache, por suas lembranças da revolução iraniana, e sua esposa Battoul por suas traduções da poesia de guerra iraniana; o hadji Mohamed Nasr, pai de um terrorista suicida palestino de Jenin; Sayed Hassan Nasrallah, presidente do Hezbollah libanês; Suheil Natour, da Frente Democrática para a Libertação da Palestina; Guillaume Nichols, por fazer com que eu prestasse atenção no discurso de Lloyd George de 1936 sobre a Palestina; Nawaf Obaid, cuja tese apresentada em Harvard sobre os objetivos dos wahabitas sauditas me foi muito valiosa; Mohamed Mahran Othman, guerrilheiro egípcio que perdeu a visão em 1956; a falecida Serpouhi Papazian, sobrevivente do genocídio armênio; a cineasta Nelofer Pazira; o falecido doutor Abdul-Aziz Rantisi do Hamas; meu colega Phil Reeves do *The Independent* e agora do *National Public Radio*; o rabino Walter Rothschild, por seu enciclopédico conhecimento sobre as ferrovias libanesas; Martin Rubenstein, que chamou minha atenção sobre uma referência ao genocídio armênio em *The Road to En-Dor*; Mujtaba Safavi, antigo prisioneiro de guerra iraniano; Haidar al-Safi em Bagdá; o falecido e brilhante acadêmico palestino Edward Said e sua irmã escritora Jean Makdissi, por sua ajuda e sugestões ao longo de muitos anos; Mohamed Salam, antigo chefe do escritório da Associated Press, Bagdá; o doutor Kamal Salibi, antigo diretor do Instituto de Estudos Interconfessionais de Amã; Mohamed Salman, antigo primeiro-ministro de Informações sírio; Faruk al-Sharaa, ministro de Assuntos Exteriores sírio; Abdul-Hadi Sayah, amigo de Mustafá Bouyali; Martin Scannall, pela permissão para citar *Iraq the Irremediable*, de Kenneth Whitehead; Clive Semple; doutor Hussain Sharistani, principal assessor nuclear de Saddam Hussein; Don Sheridan; o soldado Andrew Shewmaker da 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada norte-americana na guerra do Golfo de 1991; o historiador israelense Avi Shlaim; Amira el-Solh; Hans von Sponeck, sucessor de Halliday no escritório huma-

nitário das Nações Unidas em Bagdá, 1999; Eva Stern, de Nova York, por sua incansável busca pela verdade nas matanças de Sabra e Chatila; Verjine Svazlian, por seu exemplar das canções dos sobreviventes do Holocausto armênio; Mohamed Tahri, advogado argelino especializado em direitos humanos; monsenhor Henri Teissier, arcebispo de Argel; Alex Thomson da ITV; doutor Hassan Tourabi em Khartum; Derek Turnbull da Vickers; Karsten Tveit da rádio norueguesa; Christopher J. Walker, por seus conhecimentos sobre tudo o que diz respeito à Armênia; Jihad al-Wazzir; Garry Williamson da Boeing Defense and Space Group; o falecido Christopher “Monty” Woodhouse, antigo agente do Executivo de Operações Especiais (SOE) na Grécia e agente britânico no Irã; e Dedi Zucker, parlamentar da Knesset israelense.

Também estou em dívida com Simon Kelner, editor do *The Independent*, que me estimulou a escrever este livro entre as missões no Iraque e no Líbano, por fazer vista grossa diante de minhas prolongadas ausências do jornal e por me permitir citar meus artigos do jornal ao longo de dezesseis anos; ao *The Times* de Londres, para o qual trabalhei como correspondente estrangeiro no Oriente Médio de 1976 a 1988; ao *The Irish Times*, ao *London Review of Books* e *The Nation* de Nova York, por permitir-me citar artigos meus saídos em suas páginas; à Canadian Broadcasting Corporation em Toronto, por minhas gravações da ocupação soviética do Afeganistão em 1980 e da guerra entre Irã e Iraque; ao diretor da Imprensa Nacional de Sua Majestade pelos documentos do governo britânico nos Arquivos Nacionais (Kew).

Em especial, devo agradecer a Louise Haines, minha editora em Fourth Estate, por sua paciência sobre-humana alimentando este livro durante impressionantes dezesseis anos, e a Steve Cox, o revisor mais incansável do mundo. Por último, quero manifestar meu agradecimento à doutora Victoria Fontan, que redigiu a cronologia, formatou a bibliografia e, com paciência sobre-humana, arquivou 328 mil documentos, notas e artigos.

Inevitavelmente, há muitas pessoas com quem estou em dívida, mas que não podem ser citadas para sua própria segurança, sujeitas a uma ameaça potencial de seus inimigos e de seus próprios governos. Entre elas há membros – em serviço e reformados – das forças armadas do Egito, França, Irã, Iraque (incluindo o antigo número dois da Força Aérea e dois de seus pilotos), Israel, Jordânia, Líbano, “Palestina”, Síria, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos.

E, evidentemente, acrescento a habitual advertência do autor: nenhuma pessoa das mencionadas é responsável pelos erros ou opiniões expressas em *A grande guerra pela civilização*.



ÍNDICE DE MAPAS

Oriente Médio	16-17
Afeganistão	69
Irã	113
Iraque	208
Acordo Sykes-Picot	211
Guerra entre Irã e Iraque	261
Genocídio armênio	445
Israel/Palestina	496
Argélia	707
Arábia Saudita/Kuwait/Iraque	802

Todos os mapas foram desenhados por HLStudios, Long Hanborough, Oxford, salvo o do genocídio armênio, feito pelo Armenian National Institute (ANI) (Washington, D. C.) e Bibliothèque Nubar (Paris). © ANI, copyright edição inglesa 1998.







PRÓLOGO

Quando eu era pequeno, meu pai me levava todos os anos a visitar os campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, o conflito que H. G. Wells chamou de “guerra para acabar com todas as guerras”. Partíamos todos os verões com nosso Austin inglês e avançávamos entre sacudidas pelas estradas cheias de remendos do Somme, Ypres e Verdun. Aos catorze anos, eu era capaz de recitar os nomes de todas as ofensivas: Bapaume, Hill 60, High Wood, Passchendaele... Havia visto todos os cemitérios, passeado por todas as trincheiras abandonadas e tocado, em deteriorados museus, os enferrujados capacetes dos soldados britânicos e os corroídos morteiros alemães. Meu pai foi um soldado da Grande Guerra e lutou nas trincheiras da França por causa de um disparo feito em uma cidade chamada Sarajevo, da qual nunca havia ouvido falar. E quando morreu, há treze anos, com 93 anos, herdei suas medalhas de campanha. Uma delas representa uma vitória alada, e no verso tem as seguintes palavras gravadas: “A Grande Guerra pela Civilização”.

Com grande inquietude de meu pai e estóica aceitação de minha mãe, passei grande parte de minha vida em guerras. Essas também foram travadas “pela civilização”. No Afeganistão, vi os soviéticos lutarem por seu “dever internacionalista” em um conflito contra o “terror internacional”; seus oponentes afegãos lutavam, evidentemente, contra a “agressão comunista” e por Alá. Furneci informações do *front* onde os iranianos travavam o que chamaram de Guerra Imposta contra Saddam Hussein, que denominou a invasão do Irã de 1980 de Guerra Turbilhão. Vi os israelenses invadindo duas vezes o Líbano e depois invadir de novo a Cisjordânia palestina, a fim, segundo afirmaram, de “purgar a terra do terrorismo”. Estava presente quando os militares argelinos declararam guerra aos muçulmanos pela mesma razão aparente,

torturando e executando prisioneiros com o mesmo desenfreno que seus inimigos. Depois, em 1990, Saddam invadiu o Kuwait, e os norte-americanos enviaram seus exércitos ao Golfo para libertar o emirado e impor uma “nova ordem mundial”. Desde que a guerra de 1991 acabou, sempre escrevi em meu caderno as palavras “nova ordem mundial” seguidas de um sinal de interrogação. Na Bósnia, encontrei sérvios que lutavam pelo que chamavam de “civilização sérvia”, enquanto seus inimigos muçulmanos lutavam e morriam por um sonho pluricultural que se desvanecia, e também para salvar a vida.

No alto de uma montanha no Afeganistão, estive sentado em frente a Osama Bin Laden em sua tenda quando pronunciou a primeira ameaça direta contra os Estados Unidos, e fazia uma pausa enquanto eu rabiscava suas palavras em meu caderno à luz de uma lamparina de querosene. Falou-me, então, de “Deus” e do “mal”. Encontrei-me voando sobre o Atlântico em 11 de setembro de 2001 – meu avião voltou à Irlanda após os atentados nos Estados Unidos – e menos de três meses depois estava no Afeganistão, fugindo com os talibãs por uma estrada a oeste de Kandahar enquanto os Estados Unidos bombardeavam as ruínas de um país já destruído pela guerra. Estive na Assembléia Geral das Nações Unidas exatamente um ano depois dos ataques contra os Estados Unidos, quando George Bush falou das in-existentes armas de destruição em massa de Saddam, e disse que se preparava para invadir o Iraque. Os primeiros mísseis dessa invasão passaram por cima de minha cabeça em Bagdá.

Os resultados físicos diretos de todos esses conflitos permanecerão – e devem permanecer – em minha lembrança até o dia de minha morte. Não preciso reler minha montanha de cadernos de notas para recordar os soldados iranianos de um trem militar ao norte de Teerã, com toalhas, tossindo o gás de Saddam em coágulos de sangue e mucosidade enquanto liam o Alcorão. Não preciso de nenhum de meus recortes de jornal para lembrar o pai que – após um ataque com bombas de cacho no Iraque em 2003 – estendeu para mim o que parecia ser a metade de um pão amassado, mas que era a metade de um bebê amassado. Ou o túmulo coletivo nas cercanias de Nasiriya no qual me deparei com os restos de uma perna com um tubo de metal dentro e uma pulseira de identificação cercado ainda um toco de osso; os assassinos enviados por Saddam haviam-no levado diretamente do hospital, onde lhe haviam colocado uma prótese de quadril, até o local da execução no deserto.

Tudo isso não me provoca pesadelos. Mas lembro. A cabeça cortada de um refugiado albanês de Kosovo em uma incursão aérea norte-americana

quatro anos antes, barbada e vertical no meio de um campo muito verde, como se acabasse de ser cortada por um verdugo medieval. O corpo de um camponês kosovar assassinado pelos sérvios, cujo túmulo as Nações Unidas abriu para que ressurgisse da escuridão, inchado diante de nós, com o cinto fortemente apertado e estreitando um estômago com duas vezes o tamanho normal. O soldado iraquiano em Fao durante a guerra Irã-Iraque que jazia feito um novelo, como uma criança, no poço de canhão junto a mim e a quem a morte havia tornado preto, enquanto uma solitária aliança de ouro brilhava no anular de sua mão esquerda, reluzente devido ao sol e ao amor por uma mulher que não sabia que era viúva. Soldados e civis morreram às dezenas de milhares porque assim estava determinado para eles, com a ética amarrada como uma rédea ao cavalo de guerra, de tal modo que nós pudéssemos falar de “ambientes ricos em objetivos” e “efeito colateral” – a mais infantil das tentativas de tirar das costas o delito de assassinar – e informar sobre desfiles da vitória, a derrubada de estátuas e a importância da paz.

É assim que os governos gostam. Querem que seus cidadãos vejam a guerra como um drama de opostos, bem e mal, “nós” e “eles”, vitória ou derrota. Porém, a guerra não é algo que trate antes de tudo de vitória ou derrota, mas de morte e do fato de infligir morte. Representa o fracasso absoluto do espírito humano. Conheço um editor de jornal que se fartou de me ouvir dizer isso, mas quantos editores de jornal têm uma experiência direta de guerra?

Paradoxalmente, foi um filme que me levou ao jornalismo. Eu tinha doze anos quando vi *Correspondente internacional* de Alfred Hitchcock, um filme em branco e preto de 1940, berrante de patriotismo e humor igualmente negro, no qual Joel McCrea interpretava um jornalista norte-americano chamado John Jones – rebatizado de Huntley Haverstock por seu diretor em Nova York – enviado em 1939 à Europa para cobrir a iminente guerra. É testemunha de um assassinato, persegue os espões nazistas na Holanda, descobre o principal espião alemão em Londres, o avião em que viaja é derrubado por um pequeno encouraçado alemão, mas ele sobrevive e dá a notícia ao mundo. Também conquista a mulher mais bonita do filme, um claro estímulo adicional para uma profissão tão emocionante. A fita acaba com a *blitz* de Londres e um locutor radiofônico apresentando Haverstock ao vivo. “Esta noite temos como convidado um soldado da imprensa”, grita em meio ao ulular das sirenes antiaéreas, “um soldado do pequeno exército de historiadores que escrevem a história ao pé do canhão.”

Nunca duvidei. Lia o conservador *The Daily Telegraph* de meu pai de cabo a rabo, sempre as notícias internacionais, deitado no chão junto à lareira enquanto minha mãe suplicava para que eu bebesse o leite com chocolate e fosse para a cama. Na escola, estudava o *The Times* todas as tardes. Consegui ler inteiro o discurso de Khrutchev denunciando o reinado de terror de Stalin. Ganhei, na escola, o prêmio Assuntos Atuais e nunca – nem uma única vez – ninguém conseguiu me dissuadir de minha decisão de ser correspondente internacional. Quando meu pai me propôs que estudasse Medicina ou Direito, eu saí do quarto. Quando perguntou a um amigo da família o que eu deveria fazer, este me pediu que imaginasse estar na sala de um tribunal. Queria ser o advogado ou o jornalista que estava no banco da imprensa? – perguntou-me. Respondi jornalista, e ele disse a meu pai: “Robert vai ser jornalista”. Eu queria ser um dos “soldados da imprensa”.

Entre no *Newcastle Evening Chronicle*, depois tive uma coluna diária no *Sunday Express*, onde perseguia párocos que fugiam com atrizes. Ao fim de três anos, supliquei ao *The Times* que me contratasse, e me enviaram à Irlanda do Norte para cobrir o pequeno e sanguinário conflito que havia estourado nesse legado do domínio colonial britânico. Cinco anos depois, tornei-me um desses “soldados” do jornalismo, um correspondente internacional. Encontrava-me em uma praia de Porto Covo, em Portugal, em abril de 1976 – de férias do trabalho em Lisboa, onde cobria as seqüelas da revolução portuguesa –, quando a carteira local gritou do alto de um penhasco que tinha uma carta para mim. Era de Louis Heren, o chefe da seção Internacional do jornal. “Tenho boas notícias para você”, escrevia. “Paul Martin solicitou transferência do Oriente Médio. A esposa dele não agüenta mais, e não a culpo. Ofereço a ele o cargo de número dois em Paris, a Richard Wigg Lisboa [...] e a você ofereço o Oriente Médio [...] Diga-me se lhe interessa [...] Seria uma oportunidade maravilhosa para você, com boas histórias, muitas viagens e muito sol.” No *thriller* de Hitchcock, o diretor de Haverstock chama-o a seu escritório antes de enviá-lo à guerra européia e lhe pergunta: “O que acha de se encarregar da reportagem mais sensacional da atualidade?”. A carta de Heren foi menos espetacular, mas significava a mesma coisa. Eu tinha 29 anos e me ofereciam o Oriente Médio... Perguntei-me como o rei Faissal devia ter se sentido quando lhe “ofereceram” o Iraque, ou como seu irmão Abdulah reagiu ao “oferecimento” da Transjordânia que Winston Churchill lhe fez. Louis Heren pertencia ao tipo churchilliano, teimoso, eloqüente e amante dos bons vinhos; era também um antigo correspondente no Oriente Médio. As histó-

rias eram “boas” em termos jornalísticos, mas também eram horrorosas, as viagens vertiginosas, o sol tão cruel quanto uma espada. E nós, jornalistas, não tínhamos a proteção – nem os direitos à perfeição – dos reis. Porém, o importante era que já podia fazer parte do “pequeno exército de historiadores que escrevem a história ao pé do canhão”. Que inocente, como eu era ingênuo. Porém, a inocência, se a pudermos manter, protege a integridade do jornalista. É preciso lutar para crer nela.

Diferente de meu pai, fui à guerra como testemunha, e não como combatente, um espectador cada vez mais furioso, para dizer a verdade, mas pelo menos não era um desses homens apaixonados, zangados e às vezes dementes que faziam a guerra. Adorava os jornalistas veteranos que haviam feito a cobertura da Segunda Guerra Mundial e de suas seqüelas: Howard K. Smith, que havia fugido da Alemanha nazista no último trem que saiu de Berlim antes de Hitler declarar guerra aos Estados Unidos em 1941; James Cameron, cujo representativo relatório de 1946 sobre os testes atômicos do atol de Bikini foi talvez o artigo mais literário e filosófico jamais publicado em um jornal.

O trabalho de correspondente no Oriente Médio constitui uma profissão levemente obscena em tais circunstâncias. Se os soldados que tinha a minha frente decidissem abandonar o campo de batalha, seriam – muitos deles – fuzilados como desertores, no mínimo submetidos a um conselho de guerra. Os civis entre os quais eu vivia e trabalhava eram obrigados a sofrer os bombardeios, a ver suas famílias dizimadas pelo fogo de artilharia e pelas incursões aéreas. Como cidadãos de países párias, não havia vistos para eles. Porém, se eu quisesse ir embora, se me cansasse dos horrores que via, podia fazer as malas e voltar para casa de classe *business*, com uma taça de champanhe na mão, sempre supondo que – como muitos colegas – não me houvessem matado. Por isso fico constrangido quando alguém solta uma teoria psicológica acerca do “trauma” que significa cobrir guerras, da necessidade de conseguir “apoio”, de modo que nós, bem pagos escribas, sejamos capazes de “integrar” o que vimos. Não há apoio que valha para as imensas massas de pobres que ficam à mercê do gás do Iraque, dos mísseis do Irã, da crueldade das milícias da Sérvia, da brutal invasão israelense do Líbano em 1982, da morte digitalizada sofrida pelos iraquianos durante a invasão norte-americana de seu país em 2003.

Não gosto da expressão “correspondente de guerra”. Foi a História, não o Jornalismo, que condenou o Oriente Médio à guerra. Parece-me que

“correspondente de guerra” cheira um pouco a falso romantismo; tem muito ar daqueles repórteres vitorianos que presenciavam as batalhas sobre uma colina em companhia de damas, imunes ao sofrimento, olhando só de vez em quando para o distante retumbar dos canhões. Porém, a guerra é, paradoxalmente, uma experiência singular e muito intensa para um jornalista, a oportunidade de viver a única emoção vicária que ainda é grátis. Se foi visto nos filmes, por que não viver a experiência de verdade? Temo que alguns de meus colegas morreram deste modo, indo à guerra acreditando que era Hollywood, que os protagonistas não morrem, que não morreremos como os outros, que todos serão Huntley Haverstock com uma exclusiva e a melhor garota. O caso é que podemos morrer sim. Em apenas um ano na Bósnia, morreram trinta colegas meus. Há um pequeno Somme à espreita de todos os jornalistas inocentes.

Quando comecei a escrever este livro, pretendia que fosse uma matéria jornalística das últimas três décadas do Oriente Médio. Assim escrevi meu livro anterior, *Pity the Nation*, um relato em primeira pessoa da guerra civil do Líbano e das duas invasões israelenses.* Porém, à medida que repassava as prateleiras de papéis de minha biblioteca, mais de 350 mil documentos, cadernos de notas e arquivos, alguns escritos com minha própria mão sob balas, outros estampados em papel telegráfico por esgotados operadores árabes, muitos escritos nas barulhentas máquinas de telex que utilizávamos antes de a Internet ser inventada, percebi que o resultado superaria a mera cronologia das reportagens de uma testemunha presencial.

Meu pai, o velho soldado de 1918, leu meu relato da guerra do Líbano, mas não viveu para ver este livro. Não obstante, sempre olhava para o passado para compreender o presente. Quem dera o mundo não houvesse entrado em guerra em 1914; quem dera não houvéssemos sido tão egoístas ao concluir a paz. Nós, os vencedores, prometemos independência aos árabes e apoio a uma pátria judaica na Palestina. Supõe-se que as promessas devem ser cumpridas. E essas promessas – os judeus pensaram, naturalmente, que sua pátria seria toda a Palestina – não foram cumpridas, e os milhões de árabes e judeus do Oriente Médio estão condenados, hoje, a viver com os resultados.

* *Pity the Nation: Lebanon at War* (Oxford University Press, 2001), a nova edição norte-americana intitula-se *Pity the Nation: The Abduction of Lebanon* (Nova York, Nation Books, 2002). Os leitores interessados na guerra civil libanesa, nas invasões israelenses de 1978 e 1982, na matança de Qana e em outras tragédias ocorridas no Líbano, podem recorrer a essa obra. Não tentei reescrever, aqui, a história do Líbano.

No Oriente Médio, é como se os acontecimentos históricos não tivessem um limite final, uma encruzilhada, um momento de poder dizer: “Acabou. Basta. A partir daqui estaremos livres”. Julgo entender essa deformação no tempo. Meu pai nasceu no século retrasado. Eu nasci na primeira metade do século passado. Aqui estou, em 1980, vendo o exército soviético invadir o Afeganistão; em 1982 agachado no *front* iraniano em frente às legiões de Saddam; em 2003 observando os primeiros soldados norte-americanos da 3ª Divisão de Infantaria cruzarem a grande ponte sobre o Tigre. E, no entanto, a batalha do Somme teve início exatamente trinta anos antes de eu nascer. Bill Fisk estava nas trincheiras da França três anos depois do genocídio armênio, mas só 28 anos antes de meu nascimento. Eu nasceria menos de seis anos depois da batalha da Inglaterra, apenas um ano depois do suicídio de Hitler. Vi os aviões regressando à Grã-Bretanha da Coréia e lembro minha mãe dizendo, em 1956, que eu tinha sorte, porque se fosse mais velho teria sido um recruta britânico invadindo Suez.

Se pessoalmente sinto isso é porque presenciei acontecimentos que, com o passar dos anos, só podem ser definidos como arrogância do poder. Os iranianos costumavam chamar os Estados Unidos de “centro da arrogância mundial”, e eu ria dessa expressão; mas agora comecei a compreender seu significado. Após a vitória aliada de 1918, no final da guerra de meu pai, os vencedores dividiram as terras de seus antigos inimigos. No espaço de apenas dezessete meses, criaram as fronteiras da Irlanda do Norte, Iugoslávia e da maior parte do Oriente Médio. E passei toda minha carreira profissional – em Belfast e Sarajevo, em Beirute e Bagdá – vendo povos arderem no interior dessas fronteiras. Os Estados Unidos invadiram o Iraque não pelas lendárias armas de destruição em massa de Saddam Hussein – destruídas fazia tempo –, mas para modificar o mapa do Oriente Médio, em grande medida como havia feito a geração de meu pai mais de oitenta anos antes. Ao mesmo tempo, a guerra de Bill Fisk contribuiu para a produção do primeiro genocídio do século – o de um milhão e meio de armênios – e estabeleceu as bases para o segundo, o dos judeus da Europa.

Este livro trata, também, de torturas e execuções. Talvez nosso trabalho como jornalistas abra, ocasionalmente, a porta de uma cela. Talvez salvemos, às vezes, uma alma debaixo do nariz do verdugo. Porém, ao longo dos anos, criou-se uma crescente avalanche de cartas – dirigidas tanto a mim quanto ao diretor de *The Independent* – nas quais os leitores, mais reflexivos e desesperançados que nunca, perguntavam como podiam fazer sua voz ser

ouvida se os governos democráticos já não pareciam inclinados a representar quem os escolhia. Como podiam impedir, perguntavam esses leitores, que um mundo cruel envenenasse a vida de seus filhos? “Como posso ajudá-los?”, perguntava uma britânica que morava na Alemanha depois de o *The Independent* publicar um longo artigo meu sobre as muçulmanas violentadas de Gacko na Bósnia, mulheres que não haviam recebido nenhuma ajuda médica internacional, nenhuma ajuda psicológica, nenhum gesto de compaixão dois anos depois do estupro.

Suponho que, em última instância, os jornalistas tentam – ou deveriam tentar – ser as primeiras testemunhas imparciais da História. Se há alguma razão de nossa existência, no mínimo deveria ser nossa capacidade de informar sobre a História à medida que vai acontecendo, de modo que ninguém possa dizer: “Não sabíamos, ninguém nos disse nada”. Debati essa questão há mais de dois anos com Amira Hass, a brilhante jornalista israelense do jornal *Ha'aretz*, cujos artigos sobre os territórios palestinos ocupados eclipsaram tudo o que foi escrito por repórteres não israelenses. Eu insistia em que nossa vocação era escrever as primeiras páginas da História, mas ela me interrompeu: “Não, Robert, você está enganado. Nosso trabalho é controlar os centros de poder”. E creio que, na realidade, essa é a melhor definição que ouvi do jornalismo; desafiar a autoridade – qualquer autoridade, principalmente quando os governos e os políticos nos levam à guerra, depois de decidirem que eles matarão e outros morrerão.

Pois bem, como realizar essa tarefa? Este livro não fornecerá uma resposta. Minha vida como jornalista foi uma grande aventura. Continua sendo. Não obstante, ao repassar estas páginas após meses escrevendo, acho que estão cheias de relatos de dor, injustiça e horror, de pecados dos pais que caíram sobre os filhos. Também tratam do genocídio. Eu costumava afirmar, com certeza em vão, que todo repórter deve levar um livro de História no bolso. Em 1992, estive em Sarajevo e me encontrei, enquanto os obuses sérvios zuniam sobre minha cabeça, sobre a mesma lajota da qual Gavrilo Princip fez o disparo fatal que mandou meu pai às trincheiras da Primeira Guerra Mundial. E, evidentemente, continuavam soando disparos em Sarajevo em 1992. Era como se a História fosse uma gigantesca câmera de eco. Esse foi o ano em que meu pai morreu. Esta é, portanto, a história de sua geração. E da minha.

Beirute, junho de 2005

CAPÍTULO 1

“Um de nossos irmãos teve um sonho...”

“Misturam o amor pela pátria com frieza e indiferença pela vida, a própria ou a dos outros. São astutos, sem escrúpulos e poderosos.”

Stephen Fisher em *Correspondente internacional*, de Alfred Hitchcock (1940)

Sabia que seria assim. Em 19 de março de 1997, em frente ao hotel Spinghar de Jalalabad, com seus gramados cuidados e suas roseiras rosadas, um afegão que segurava um fuzil Kalashnikov convidou-me a entrar em um carro para sair da cidade. A estrada de Kabul, nessa tarde, já não era uma estrada, mas um acúmulo de rochas e barrancos sobre as rugientes águas de um grande rio. Uma enorme cadeia montanhosa erguia-se diante de nós. O afegão sorria para mim de vez em quando, mas não falava. Eu sabia o que significava esse sorriso. Confie em mim. Mas eu não confiava. Devolvia-lhe um ricto de falsa amizade. A menos que visse um homem que eu conhecesse – um árabe, e não um afegão –, ficaria atento à estrada procurando armadilhas, postos de controle, homens armados sem nenhum motivo aparente para estar ali. Até dentro do carro ouvia o rio rugindo pelas valas, por cima de pedras cinza, saltando precipícios. Confie em mim dirigia o carro com cuidado entre os penhascos, e eu admirei o modo como seu descalço pé esquerdo pressionava e soltava a embreagem do veículo como um ginete teria esporeado suavemente seu cavalo para que subisse um penhasco.

Um benévolo pó branco cobria o pára-brisas; quando o limpador de pára-brisas passou, a desolação adotou uma uniformidade parda dura e implacável. Um aspecto como esse, pensei, a pista devia ter quando o general de divisão William Elphinstone conduziu seu exército britânico para o desastre,

quase 150 anos antes. Os afegãos haviam aniquilado um dos maiores exércitos do império britânico nesse mesmo trecho de estrada, e acima de mim havia povoados onde os anciões ainda recordavam as histórias de bisavôs que haviam visto ingleses morrendo aos milhares. As pedras de Gandamak, afirmam, tornaram-se pretas pelo sangue dos mortos ingleses. O ano de 1842 marcou uma das maiores derrotas das forças armadas britânicas. Não é de se estranhar que preferíssemos esquecer a primeira guerra afegã. Mas os afegãos não esquecem. “*Farangiano*”, gritou o motorista, e apontou o fundo do desfiladeiro enquanto sorria para mim. “Estrangeiros.” “*Angrezi* – ingleses.” “*Fang* – guerra.” Sim, eu entendi. “*Irlanda*”, respondi em árabe. “*Ana min Irlanda.*” Sou da Irlanda. Não sei se me entendeu, mas era mentira. De fato, eu havia sido educado na Irlanda, mas no bolso carregava um pequeno passaporte britânico no qual o secretário de Estado de Assuntos Exteriores e da Commonwealth do Reino Unido requeria, em nome de Sua Majestade a Rainha, que me fosse permitido “circular livremente, sem impedimento nem obstáculo” nessa perigosa viagem. Um talibã adolescente havia examinado meu passaporte no aeroporto de Jalalabad dois dias antes, um menino-soldado de uns catorze anos que segurou o passaporte ao contrário, examinou-o, estalou a língua e balançou a cabeça em sinal de desaprovação.

Havia escurecido, e nós continuávamos subindo, ultrapassando caminhões e filas de camelos, animais que voltavam a cabeça para nossas luzes na penumbra. Passávamos ao lado deles a toda velocidade, e eu via a condensação de sua respiração flutuando sobre a estrada. As grandes patas escolhiam com extremo cuidado as pedras que pisavam, e seus olhos, iluminados pelos faróis, pareciam olhos de bonecas. Umas duas horas depois, paramos em uma ladeira pedregosa e, depois de alguns minutos, uma picape desceu tombando pelas agrestes pedras da ladeira.

Um árabe com roupas afegãs aproximou-se do carro. Reconheci-o logo, de nosso último encontro em um povoado em ruínas. “Lamento, senhor Robert, mas tenho que fazer a primeira revista”, disse, inspecionando o estojo da câmera e os jornais. E, assim, pusemo-nos em marcha pela estrada que Osama Bin Laden havia construído durante seu *Jihad* contra o exército soviético no início da década de 1980, uma escorregadia e assustadora odisséia de duas horas por terríveis quebradas sob chuva e geada, com o pára-brisas que não parava de embaçar enquanto subíamos pela fria montanha. “É fácil, quando você acredita na *Jihad*”, disse o motorista lutando com o volante enquanto as rodas lançavam pedras que rolavam pelo precipício em direção

às nuvens situadas mais abaixo. De vez em quando, luzes piscavam para nós ao longe na escuridão. “Nossos irmãos indicam que nos vêem”, disse ele.

Depois de uma hora, dois árabes armados – um com o rosto coberto com uma *kuffiyyah*, olhando-nos detidamente através de óculos e segurando um lança-mísseis antitanque sobre o ombro direito – apareceram gritando de trás de duas rochas. “Alto! Alto!” A freada quase me estatelou contra o pára-brisas. “Lamento, sinto muito”, disse o homem de óculos, soltando o lança-mísseis. Tirou do bolso de sua jaqueta militar camuflada um detector de metais, cuja luz vermelha tremeluziu sobre meu corpo enquanto me submetia a uma nova inspeção. O caminho piorou quando prosseguimos, o jipe derrapava, atraído pelos despenhadeiros, e os faróis brincavam nas ladeiras do outro lado. “O Toyota é bom para a *Jihad*”, disse meu motorista. Eu não podia estar mais de acordo, embora tenha pensado que com certeza a companhia renunciaria a esse *slogan*.

A lua já havia saído, e eu via nuvens debaixo de nós nas quebradas e também por cima, enroscadas nos picos, enquanto nossos faróis reluziam em cascatas congeladas e charcos cobertos de gelo. Osama Bin Laden sabia como construir suas estradas para tempos de guerra; muitos caminhões de munições e tanques haviam subido até ali durante a titânica luta contra o exército soviético. Nesse momento, o homem que dirigiu esses guerrilheiros – o primeiro combatente árabe na batalha contra Moscou – havia voltado às montanhas que conhecia. Deparei-me com mais controles árabes, mais ordens peremptórias para parar. Um homem muito alto, com uniforme de combate e óculos de sol, revistou meticulosamente meus ombros, corpo e pernas, e me olhou nos olhos. “*Salaam aleikum*”, disse-lhe. A paz esteja com você. Todos os árabes que eu havia conhecido sempre respondiam *Aleikum salaam* a esse cumprimento. Esse não. Havia algo frio nele. Osama Bin Laden havia me convidado a reunir-me com ele no Afeganistão, mas esse era um guerreiro sem a mínima delicadeza. Era uma máquina, verificando outra máquina.



Nem sempre havia sido assim. Na realidade, a primeira vez que vi Osama Bin Laden não podia ter sido mais fácil. Por volta de dezembro de 1993, eu estava cobrindo uma reunião de cúpula islâmica em Khartum, a capital do Sudão, quando um jornalista amigo meu, Jamal Kashoggi, aproximou-se de mim no vestíbulo do hotel. Kashoggi, um homem alto e um tanto corpulento com uma longa túnica *disbdash* branca, levou-me pelo ombro até o lado de fora do

hotel. “Há alguém que acho que você deveria conhecer”, disse. Kashoggi é um crente sincero – pobre de quem considerar seus óculos redondos e seu senso de humor como sinal de displicência espiritual –, e logo adivinhei a quem se referia. Kashoggi havia visitado Bin Laden no Afeganistão durante sua guerra contra o exército soviético. “Nunca conversou antes com um jornalista ocidental”, anunciou. “Será interessante.” Kashoggi se permitia um pouco de psicologia aplicada. Queria saber como Bin Laden se portaria diante de um infiel. E eu também.

A história de Bin Laden era tão instrutiva quanto excepcional. Quando o exército soviético invadiu o Afeganistão, em 1979, a família real saudita – estimulada pela CIA – quis proporcionar aos afegãos uma legião árabe, chefiada preferencialmente por um príncipe saudita, que dirigiria uma força guerrilheira contra os russos. Não só desmentiria a difundida e muito acertada crença de que os governantes sauditas eram decadentes e corruptos, como também reestabeleceria a honorável tradição do guerreiro árabe do Golfo, que arriscava a própria vida em defesa da *umma*, a comunidade islamita. Como era de se esperar, os príncipes sauditas declinaram tão nobre missão. Bin Laden, furioso diante dessa covardia e da humilhação dos muçulmanos afegãos pelas mãos dos soviéticos, ocupou seu lugar e, com dinheiro e maquinaria de sua construtora, deu início a sua *Jihad* pessoal.

Empresário multimilionário e saudita, embora de origem iemenita e mais humilde, nos anos seguintes seria idolatrado por sauditas e milhões de árabes de outros países, lenda entre a juventude árabe do Golfo até o Mediterrâneo. Desde o idolatrado Lawrence da Arábia, nenhum aventureiro havia sido representado em um papel tão heróico e influente. Egípcios, sauditas, iemenitas, kuwaitianos, argelinos, sírios e palestinos foram à cidade fronteiriça paquistanesa de Peshawar para lutar junto com Bin Laden. Porém, quando os guerrilheiros mujahedins afegãos e a legião árabe de Bin Laden expulsaram os soviéticos do Afeganistão, os afegãos se engalinharam como lobos entre si com rancor tribal. Enojado diante de tamanha perversão islamita – a dissensão no seio da *umma* conduziu à divisão entre muçulmanos sunitas e xiitas –, Bin Laden retornou à Arábia Saudita.

Pois bem, sua viagem pela amargura espiritual não estava terminada. Quando Saddam Hussein invadiu o Kuwait, em 1990, tornou a oferecer seus serviços à família real saudita. Não precisavam recorrer aos Estados Unidos para proteger os dois locais islamitas mais sagrados, afirmou. Só os muçulmanos deviam defender Meca e Medina, as cidades onde o profeta Maomé havia

recebido e recitado a mensagem de Deus. Bin Laden dirigiria seus “afegãos”, seus mujahedins árabes, contra o exército iraquiano invasor do Kuwait e os expulsaria do emirado. O rei Fahd da Arábia Saudita preferiu depositar sua confiança nos norte-americanos. De modo que, quando a 82ª Divisão Aero-transportada dos Estados Unidos chegou à cidade norte-oriental saudita de Dhahran e tomou posição no deserto a 600 km da cidade de Medina – localidade onde o Profeta se refugiou e da primeira sociedade islâmica –, Bin Laden abandonou a corrupção da Casa de Saud para oferecer sua generosidade a outra “república islâmica”, o Sudão.

Nossa viagem ao norte de Khartum percorreu uma paisagem de deserto branco e antigas pirâmides inexploradas, escuros e achatados túmulos faraônicas menores que a de Quéops, Quefren e Micerino em Giza. Embora estivéssemos em dezembro, uma brisa forte e tórrida atravessava o deserto, e quando Kashoggi, cansado do ar condicionado, abriu sua janela, uma rajada de vento desfez seu turbante árabe. “As pessoas daqui gostam de Bin Laden”, disse, como se fizesse um comentário de aprovação em um jantar. “Trouxe seu negócio e sua construtora e o governo gosta dele. Ajuda os pobres.” Eu entendia tudo isso. O profeta Maomé, órfão em idade precoce, fora obcecado com os pobres na Arábia do século VI, e a generosidade com os que viviam na pobreza era uma das características islâmicas mais atraentes. A evolução de Bin Laden de guerreiro “santo” a benfeitor público lhe permitiria trilhar o caminho do Profeta. Acabava de terminar a construção de uma nova estrada, da estrada Khartum–Porto Sudão até o minúsculo povoado do deserto de Almatig, no norte do Sudão, utilizando as mesmas escavadoras que havia utilizado para construir as estradas da guerrilha no Afeganistão; muitos de seus trabalhadores eram os mesmos combatentes que haviam sido seus camaradas na batalha contra a União Soviética. O Departamento de Estado norte-americano adotou, como era de se esperar, um ponto de vista menos caritativo acerca da beneficência de Bin Laden. Acusou o Sudão de “patrocinar o terrorismo internacional” e o próprio Bin Laden de gerir “campos de treinamento de terroristas” no deserto sudanês.

Porém, quando Kashoggi e eu chegamos a Almatig, encontramos Osama Bin Laden com uma túnica de orla dourada, sentado sob o toldo de uma tenda diante de uma multidão de aldeões admiradores e guardado pelos leais mujahedins árabes que haviam lutado com ele no Afeganistão. Essas figuras barbadas e silenciosas – desarmadas, mas nunca a mais de poucos metros do homem que os havia recrutado e depois mandado destruir o exército soviéti-

co – contemplavam sem sorrir, enquanto os aldeões faziam fila para mostrar seu agradecimento ao empresário saudita que estava prestes a concluir a estrada que os uniria a Khartum pela primeira vez na História.

Minha primeira impressão foi de que se tratava de um homem tímido. Com seus pômulos altos, olhos finos e a longa túnica marrom, desviava o olhar quando os chefes do povoado se dirigiam a ele. Parecia incomodado com as demonstrações de gratidão, incapaz de responder com um sorriso pleno quando umas meninas com pequenos véus dançaram diante dele e os pregadores admiraram sua sabedoria. “Esperamos por esta estrada em todas as revoluções do Sudão”, anunciou um xeque com barba. “Esperamos até que perdemos a esperança em todos... e então chegou Osama Bin Laden.” Notei que Bin Laden, com a cabeça inclinada, olhava furtivamente para o ancião, reconhecendo sua idade, mas incomodado por estar confortavelmente sentado diante dele, comportando-se como um jovem relaxado diante dos mais velhos. Sentiu-se mais incomodado ainda quando viu, a poucos passos, um ocidental, e de vez em quando voltava a cabeça para mim, não com hostilidade, mas com desconfiada seriedade.

Kashoggi abraçou-o. Bin Laden beijou-o em ambas as faces, o cumprimento de um muçulmano a outro, ambos reconhecendo o perigo comum que correram juntos no Afeganistão. Jamal Kashoggi devia ter ido até ali com um estrangeiro por alguma razão. Era o que Bin Laden estava pensando. Porque, enquanto Kashoggi falava, Bin Laden me olhava por cima de seu ombro, assentindo de vez em quando. “Robert, quero lhe apresentar o xeque Osama”, quase gritou Kashoggi acima das canções infantis. Bin Laden era um homem alto, e percebeu que isso era uma vantagem ao estreitar a mão de um jornalista inglês. *Salaam aleikum*. Suas mãos eram firmes, não fortes, mas, sim, parecia um homem das montanhas. Os olhos buscavam meu rosto. Era magro, tinha dedos longos e um sorriso que – embora nunca pudesse ser descrito como gentil – não sugeria maldade. Disse que poderíamos conversar na parte de trás da tenda, para evitar a gritaria das crianças.

Olhando retrospectivamente, sabendo o que sabemos, compreendendo a monstruosa figura bestial em que se transformaria na imaginação coletiva do mundo, procuro algum indício, a menor prova de que esse homem inspiraria uma ação que mudaria o mundo para sempre; ou, mais exatamente, permitiria que um presidente norte-americano convencesse seu povo de que o mundo havia mudado para sempre. Evidentemente, seu repúdio formal ao “terrorismo” não fornecia pista alguma. A imprensa egípcia afirmava que Bin Laden

havia levado consigo ao Sudão centenas de combatentes árabes, enquanto o ambiente das embaixadas ocidentais de Khartum sugeria que alguns “afegãos” árabes levados até o Sudão por esse empresário saudita dedicavam-se a treinar com vistas a novas *Jibads* na Argélia, Tunísia e Egito. Bin Laden sabia disso. “Lixo dos meios de comunicação e das embaixadas”, disse a respeito. “Sou engenheiro civil e também engenheiro agrônomo. Se houvesse campos de treinamento aqui no Sudão, com certeza não poderia fazer este trabalho.”

O “trabalho” era, sem dúvida alguma, ambicioso: não só a conexão com Almatig, mas uma estrada completamente nova que ia de Khartum a Porto Sudão, uma distância de 1200 km da velha estrada reduzida a 800 km graças à nova rota de Bin Laden, que transformava esse trajeto em um simples dia de viagem. Em um país desprezado pela Arábia Saudita devido a seu apoio a Saddam Hussein após a invasão do Kuwait em 1990 quase tanto quanto pelos Estados Unidos, Bin Laden havia dirigido os equipamentos de guerra para a construção de um Estado pária. Perguntei por que não havia feito a mesma coisa na desolada paisagem do Afeganistão, mas ele se negou, de início, a falar dessa guerra, sentado na parte de trás da tenda e limpando os dentes com um palito de *miswak*. Porém, acabou falando de uma guerra que ajudou os afegãos a ganhar, povo este que os norte-americanos, os sauditas – e os paquistaneses – apoiaram contra os soviéticos. Ele tinha vontade de falar. Achou que eu ia lhe perguntar sobre “terrorismo” e percebeu que as perguntas eram sobre o Afeganistão, e que – apesar de toda a reserva e receio que sentia por um estrangeiro – desejava explicar como a experiência nesse país havia forjado sua vida.

“O que vivi em dois anos ali”, disse, “não poderia ter vivido em cem anos em outro lugar. Quando começou a invasão do Afeganistão, senti raiva e fui logo; cheguei poucos dias depois, antes do final de 1979, e não deixei de voltar nos nove anos seguintes. Eu estava indignado por uma injustiça cometida contra o povo afegão. Isso me fez perceber que quem tem o poder no mundo utiliza-o sob diferentes nomes para dominar outros e impor suas opiniões. Sim, lutei lá, mas meus correligionários muçulmanos fizeram muito mais que eu. Muitos deles morreram, e eu ainda estou vivo.” A invasão soviética costuma ser datada de janeiro de 1980, mas as primeiras forças especiais entraram em Kabul antes do Natal de 1979, quando mataram – eles ou seus satélites afegãos – o presidente comunista Hafizulah Amin e colocaram Babrak Karmal como homem-fantoches em Kabul. Osama Bin Laden mexera-se depressa.

Com seu engenheiro iraquiano, Mohamed Saad, que nesse momento construía a estrada para Porto Sudão, Bin Laden escavou, nos montes Zazai da província de Paktia, grandes túneis para utilizar como hospitais da guerrilha e depósitos de armas; depois traçou uma trilha para os mujahedins ao longo do Afeganistão que chegava a 25 km de Kabul, uma notável façanha de engenharia que os soviéticos nunca conseguiram destruir. E que lições Bin Laden havia extraído da guerra contra os russos? Fora ferido cinco vezes e quinhentos de seus combatentes árabes morreram em luta contra os soviéticos – seus túmulos encontram-se no lado afegão da fronteira, em Torkham –, e nem Bin Laden era imortal, não é?

“Nunca tive medo da morte”, respondeu. “Como muçulmanos, acreditamos que quando morreremos iremos para o céu.” Havia parado de cutucar os dentes com o palito de *miswak* e falava pausada e fluentemente, inclinado para a frente, com os cotovelos sobre os joelhos. “Antes de uma batalha, Deus nos envia *seqina*, serenidade. Uma vez, estive a apenas trinta metros dos russos, que tentavam me capturar. A meu lado caíam as bombas, mas senti tanta paz em meu coração que adormeci. A experiência da *seqina* está descrita em nossos livros mais antigos. Vi uma granada de morteiro de 120 mm cair diante de mim, mas não explodiu. Um avião russo lançou outras quatro bombas sobre nosso quartel-general, mas não explodiram. Derrotamos a União Soviética. Os russos fugiram [...] Minha temporada no Afeganistão é a experiência mais importante de minha vida.”

Mas, e os mujahedins árabes que havia levado para o Afeganistão, os membros de um exército de guerrilheiros que também foram estimulados e armados pelos Estados Unidos para lutar contra os soviéticos e esquecidos, depois, por seus mentores quando a guerra acabou? Bin Laden parecia preparado para a pergunta. “Pessoalmente, nem eu nem nenhum de meus irmãos viu provas de uma ajuda norte-americana”, disse. “Quando meus mujahedins saíram vitoriosos e os russos tiveram que ir embora, começaram as diferenças, de modo que voltei à construção de estradas em Taif e Abha. Levei a equipe que havia utilizado para construir túneis e estradas para os mujahedins no Afeganistão. Sim, ajudei alguns camaradas a virem aqui depois da guerra.” Quantos? Osama Bin Laden balançou a cabeça. “Não quero dizer, mas estão aqui comigo agora, trabalham aqui, construindo esta estrada até Porto Sudão.”

Um mês antes, eu estava no meio da guerra da Bósnia e disse a Bin Laden que os combatentes muçulmanos bósnios da cidade de Travnik haviam

mencionado seu nome. Isso despertou seu interesse. Todas as vezes que vi Bin Laden, ele ficou fascinado ao ouvir o que diziam dele, não seus inimigos, mas os ulemás e os militantes muçulmanos. “Sinto o mesmo a respeito da Bósnia”, disse, “mas a situação lá não oferece as mesmas oportunidades que o Afeganistão. Um pequeno número de mujahedins foi lutar na Bósnia-Herzegovina, mas os croatas não permitem que os mujahedins passem pela Croácia, como fizeram os paquistaneses com o Afeganistão.” E não era um pouco decepcionante estar lutando pelo islã e por Deus no Afeganistão e acabar construindo estradas no Sudão? Bin Laden mostrou-se mais cuidadoso no uso das palavras. “Eles gostam deste trabalho, e eu também. Estamos acabando um grande projeto para essas pessoas; ajuda os muçulmanos e melhora sua vida.”

Nesse momento percebi que outros homens, sudaneses que evidentemente não pertenciam ao grupo de antigos camaradas de Bin Laden, haviam se ajuntado para ouvir nossa conversa. Bin Laden, evidentemente, teve consciência da presença deles muito antes que eu. O que pensava da guerra na Argélia?, perguntei. Porém, um homem com um traje verde que se fazia chamar de Mohamed Moussa – disse ser nigeriano, mas era um agente de segurança do governo sudanês – tocou meu braço. “Já fez perguntas suficientes”, anunciou. Bem, e uma foto? Bin Laden hesitou – algo raro nele –, e notei que a prudência lutava contra a vaidade. No final, colocou-se diante da nova estrada com sua túnica de borda dourada e sorriu languidamente para a câmera enquanto eu tirava duas fotografias, depois levantou a mão esquerda, como um presidente dizendo à imprensa que o tempo havia se acabado. Em seguida, partiu para inspecionar sua nova estrada.

Pois bem, qual era a natureza da última “república islâmica” que o havia cativado? Bin Laden mantinha uma casa em Khartum – tivera um pequeno apartamento na cidade saudita de Jeddah até que os sauditas o privaram de sua nacionalidade – e vivia no Sudão com suas quatro esposas, uma das quais era uma simples adolescente. Sua empresa Bin Laden – que não devia ser confundida com a mais importante empresa construtora dirigida por seus primos – era paga em divisas sudanesas, utilizadas depois para comprar gergelim, trigo e sementes de girassol para exportação. Os lucros não pareciam ser a prioridade de Bin Laden. Seria o Sudão?

Sem dúvida, alardeava outro potencial “monstro” islâmico aos olhos do Ocidente. Hassan Abdulah Tourabi, o inimigo da “tirania” ocidental, um “demonio” segundo os jornais egípcios, era supostamente o aiatolá de Khartum,

o intelectual que dirigia a Frente Nacional Islâmica que fornecia o sistema nervoso para o governo militar do general Omar Bashir. Na realidade, no palácio de Bashir estava a escadaria onde o general Charles Gordon havia sido assassinado em 1885 pelos seguidores de Mohamed Ahmed ibn Abdullah, o Mahdi, que, como Bin Laden, exigia um retorno à “pureza” islâmica. Porém, quando fui falar com Tourabi em seu velho escritório inglês, encontrei-o sentado como um pássaro sobre uma cadeira, em parte sobre sua perna esquerda, dobrada sob o corpo, a túnica branca enfeitada com um pequeno lenço estampado, as mãos agitando-se diante de uma barba preta salpicada de fios brancos. Era o organizador da Conferência Popular Árabe e Islâmica sobre a qual eu ia informar, e no grande Centro de Congressos de Khartum encontrei todas as possibilidades mutuamente hostis de muçulmanos, cristãos, nacionalistas e integralistas reunidas, ligados pela convocação à moderação de Tourabi. Xiitas, sunitas, árabes, não árabes, o movimento Al Fatah de Yasser Arafat e todos os seus inimigos árabes – Hamas, Hezbollah, a Frente Democrática para a Libertação da Palestina, a Frente Islâmica de Salvação argelina, a FIS, como se autodenominam com as siglas francesas –, não faltava ninguém, e também estavam presentes os representantes do Partido Popular do Paquistão, o partido Nahda da Tunísia, afegãos de todas as tendências e um enviado de Mohamed Aidede da Somália, “muito ocupado para vir” – como disse discretamente um organizador da conferência –, porque estava sendo perseguido pelos militares norte-americanos em Mogadischu.

Representavam todas as contradições do mundo árabe em uma cidade cuja arquitetura colonial britânica – de casas de campo com arcos e telhados baixos entre buganvílias, de velhos e quentes escritórios governamentais e delegacias em ruínas – coexistia com *slogans* revolucionários igualmente antiquados. As águas dos Nilos Azul e Branco juntavam-se nesse lugar, parada permanente entre o mundo árabe e a África tropical; e a passagem do Sudão por treze anos de governo nacionalista – o mahdismo –, sessenta anos de governo dominado pelos britânicos de Cairo e quase quarenta anos de tumultuada independência deram ao país uma identidade debilitada, esgotada e não resolvida. Era um país islâmico – após a independência, o partido da *umma* foi encabeçado pelo filho e netos do Mahdi – ou os regimes militares que tomaram o poder depois de 1969 quiseram que o Sudão fosse socialista para sempre?

Tourabi tentava agir como intermediário de Arafat, que acabava de firmar o acordo de Oslo com Israel, e seus oponentes do mundo árabe – ca-

tegoria que incluía quase todo o mundo –, e talvez estivesse fazendo uma tentativa pouco sutil de tirar o Sudão da lista de “terrorismo de Estado” de Washington, convencendo o Hamas e a Jihad islâmica a apoiar Arafat. “Conheço pessoalmente Arafat muito bem”, insistiu Tourabi. “É um grande amigo meu. No início foi muçulmano, sabia? Mas depois deslizou pouco a pouco para o ‘clube’ árabe [...] Falou comigo antes de assinar [o acordo com Israel]. Veio ao Sudão. E agora eu explico seu caso aos outros, não como algo que está bem, mas como uma necessidade. O que Arafat podia fazer? Ficou sem dinheiro. O exército não avança. Os refugiados, os dez mil presos estão nas prisões israelenses. Até um município é melhor que nada.”

Porém, se “Palestina” seria um município, como ficavam, então, os árabes? Carentes, sem dúvida, de um dirigente que não falasse essa linguagem de rendição; necessitados de um dirigente guerreiro, alguém que houvesse demonstrado ser capaz de derrotar uma superpotência. Não era isso o que o Mahdi julgou ser? Ele não perguntou a seus combatentes, na véspera do ataque a Khartum, se queriam avançar contra o general Gordon, mesmo se dois terços deles perecessem? Pois bem, como quase todos os outros Estados árabes, o Sudão recriou a si mesmo em um espelho em proveito de seus próprios dirigentes. Khartum era a “capital das virtudes”, ou era o que afirmavam grandes cartazes pelas ruas nesse mês de dezembro. Às vezes a palavra *virtudes* era substituída pela palavra *valores*, que não era exatamente a mesma coisa.

Claro que, no Sudão, nada era o que parecia. A estação central, ardendo sob o sol do meio-dia, não sugeria uma insipiente república islâmica. Nem os pelotões de soldados vestidos de verde-selva que cochilavam à sombra de um decadente edifício ferroviário enquanto em uma plataforma de carga duas grandes peças de artilharia esperavam ser carregadas em um trem quase destruído rumo à guerra civil do sul. A Grã-Bretanha favoreceu, durante muito tempo, o desenvolvimento separado do sul cristão, de onde foram excluídas, em grande medida, a língua árabe e a religião muçulmana; foi assim até a independência, quando Londres decidiu de repente que a integridade territorial do Sudão era mais importante que esse desenvolvimento separado durante tanto tempo alimentado. A minoria do sul se rebelou, e a insurreição era, nesse momento, o traço característico e central da vida sudanesa.

As autoridades de Khartum terão que explicar, um dia, a detalhada lista de atrocidades da guerra civil entregue às Nações Unidas em 1993, que seria objeto de um relatório da organização no ano seguinte. As testemunhas oculares falam de estupro, saques e assassinatos na província meridional de Bahr

al-Gazal, bem como do seqüestro continuado de milhares de crianças do sul nas ruas da capital. Segundo os documentos, as atrocidades mais recentes haviam ocorrido no mês de julho anterior, quando o exército sudanês enviou um trem cheio de milicianos locais ao território controlado pelo Exército Popular para a Libertação do Sudão. Sob as ordens de um oficial mencionado nos relatórios como capitão Ginat – comandante do acampamento da Força de Defesa Popular da cidade de Muglad, no sul de Kordofan, e membro do conselho de governo sudanês da cidade meridional de Wo –, os milicianos foram enviados para destruir todos os povoados dinkas situados a quinze quilômetros de ambos os lados da via férrea, matando homens, violentando mulheres e roubando milhares de cabeças de gado. As provas recolhidas de testemunhas que fugiram dos povoados sem suas famílias incluíam detalhes da matança dos trezentos participantes de uma festa de casamento cristã perto do rio Lol. Os documentos obtidos pelas Nações Unidas também diziam que soldados governamentais, junto com milicianos tribais leais, haviam assassinado, no mês de fevereiro anterior, grande quantidade de dinkas do sul em um acampamento para desalojados em Meiran.

Não se tratava, portanto, de um país conhecido por sua justiça, seus direitos civis ou sua liberdade. É verdade que os delegados da cúpula islâmica foram estimulados a falar com franqueza. Mustafá Cerić, o imame da Bósnia, cujo povo padecia um genocídio nas mãos dos vizinhos sérvios, foi eloqüente na condenação da intervenção pacificadora das Nações Unidas em seu país. Eu havia falado com ele um ano antes em Sarajevo, e então ele acusou o Ocidente de impor um embargo de armas às forças bósnias “só porque são muçulmanos”, e seu senso crítico conservava toda sua integridade em Khartum. “Vocês enviaram seus soldados ingleses, e agradecemos”, disse-me. “Mas, agora, não vão querer nos dar armas para nos defendermos dos *chetniks* porque dirão que isso estenderia a guerra e poria em perigo os soldados que enviaram para nos ajudar.” Cerić era um homem capaz de fazer os outros sentirem a necessidade de humildade.

Assim, até a cúpula do Sudão havia se transformado em símbolo da humilhação de muçulmanos, árabes e todos os muçulmanos revolucionários, nacionalistas e generais que dominavam o Oriente Médio “moderno”. Os delegados do Hezbolah do Líbano levaram-me com eles, uma noite, para falar-me da fragilidade do regime. “Fomos convidados a jantar em um barco, no Nilo, com Tourabi”, contou-me um deles. “Navegamos rio acima e abaixo e vimos guardas do governo vigiando-nos nas duas margens. De repente, soaram dispa-

ros procedentes de uma festa de casamento. Ouvíamos a música da festa. Mas Tourabi assustou-se tanto que se jogou no chão e ficou vários minutos sem se levantar. Este não é um lugar estável.” A fachada de liberdade de expressão não ergueria o manto de isolamento lançado sobre o Sudão pelas Nações Unidas e seus aliados, nem protegeria seus mais importantes convidados.

Dois meses antes de minha entrevista com Bin Laden, alguns pistoleiros haviam entrado em sua casa de Khartum para matá-lo. O governo sudanês suspeitava que os potenciais assassinos eram pagos pela CIA. Era evidente que esse não era lugar para um Mahdi contemporâneo. A Arábia Saudita despojou-o de sua cidadania pouco depois, nesse mesmo ano. Os sauditas, e depois os norte-americanos, exigiram a extradição de Bin Laden. O Sudão entregou mansamente seu outro conhecido fugitivo, Ilich Ramírez Sánchez – Carlos, o Chacal, que havia seqüestrado onze ministros do Petróleo em uma conferência da OPEP em Viena em 1975 e organizado um assalto à embaixada francesa da Haia –, aos franceses. Porém, Carlos era um revolucionário acabado, um alcoólatra gordo, podre o bastante para ser traído. Bin Laden pertencia a outra categoria. Seus seguidores eram considerados responsáveis pelos atentados de Riad em novembro de 1995, e depois contra uma base norte-americana em Al-Khobar no ano seguinte, que no total mataram 24 norte-americanos e dois indianos. No início de 1996, teve permissão para partir para um país de sua escolha, um país que se transformaria no refúgio onde havia descoberto tantas coisas acerca de sua fé.



E foi assim que, em uma quente tarde do final de junho de 1996, tocou o telefone de meu escritório em Beirute e recebi uma das mensagens mais extraordinárias de minha carreira como correspondente internacional. “Senhor Robert, um amigo que conheceu no Sudão quer vê-lo”, disse em inglês uma voz com forte sotaque árabe. Primeiro pensei que se referia a Kashoggi, embora eu houvesse conhecido Jamal em 1990, muito antes de ir a Khartum. “Não, não, senhor Robert. Estou falando do homem a quem entrevistou. Entende?” Sim, eu entendia. E onde eu poderia me encontrar com esse homem? “Onde está agora”, foi a resposta. Sabia que havia rumores de que Bin Laden havia retornado ao Afeganistão, mas não havia nenhuma confirmação disso. E como chego até ele?, perguntei. “Vá até Jalalabad; logo entrarão em contato com o senhor.” Anotei o número de telefone de meu interlocutor. Estava em Londres.

Também lá estava a única embaixada afegã que podia me fornecer um visto. Não tinha pressa. Eu achava que o *The Independent* não devia permitir que os Bin Laden deste mundo que desejassem ser entrevistados nos convocassem. Era um risco jornalístico. Havia milhares de repórteres que desejavam entrevistar Osama Bin Laden. Porém, pensei que teria mais respeito por um jornalista que não corresse servilmente para vê-lo assim que ele chamasse. E tinha outra preocupação mais urgente. Embora os serviços secretos do Oriente Médio e Paquistão houvessem trabalhado para a CIA ajudando os mujahedins afegãos contra os soviéticos, muitos deles estavam já em guerra contra a organização de Bin Laden, a quem culpavam pelas insurgências muçulmanas de seus próprios países. Egito, Argélia, Tunísia e Arábia Saudita já suspeitavam que a mão de Bin Laden estava por trás de suas respectivas insurreições. E se o convite fosse uma armadilha, uma armação, para que conduzisse sem querer a polícia egípcia – ou a infinitamente mais corrupta ISI paquistanesa, chamada em todos os lugares de organização de Inteligência de Interserviços – até Bin Laden? Pior ainda, do meu ponto de vista: e se fosse uma tentativa de enganar um repórter que conhecia Bin Laden para matá-lo e depois responsabilizar os muçulmanos por sua morte? Quantos repórteres estariam dispostos a entrevistar Bin Laden, então? De modo que liguei para meu contato em Londres. Encontrar-se-ia comigo em meu hotel?

O recepcionista do Sheraton Belgravia ligou para meu quarto no meio da tarde. “Um cavalheiro o espera no vestíbulo”, disse. O Belgravia é o menor Sheraton do mundo, e, embora os preços não correspondam ao tamanho, seu vestíbulo com painéis de madeira e chão de mármore era, como todas as tardes, terreno exclusivo de senhoras tomando o chá, executivos engravatados com um cabelo levemente prateado sobre o colarinho da camisa e elegantes mulheres jovens com meias pretas. Porém, quando cheguei ao vestíbulo, vi um homem junto à porta. Tentava passar despercebido, mas exibia uma grande barba, uma longa túnica árabe e sandálias de plástico nos pés. Não seria esse o homem de Bin Laden?

Era. Dirigia a sede londrina do Comitê de Conselho e Reforma, um grupo de oposição saudita inspirado por Bin Laden que publicava regularmente longos e chatos panfletos contra a corrupção da família real saudita, e sentou-se no vestíbulo do Belgravia – diante do espanto das senhoras – para explicar o iníquo comportamento da Casa de Saud e a honorável natureza de Osama Bin Laden. Não achei que esse homem fosse uma personalidade violenta. Na realidade, menos de dois anos depois, expressaria

seu desgosto – e sua ruptura – com Bin Laden quando este declarou guerra a “norte-americanos, ‘cruzados’ e judeus”. Porém, em 1996, o herói saudita da guerra afegã não podia agir mal. “É um homem sincero, senhor Robert. Quer falar com o senhor. Não há nada a temer.” Essa era a frase que eu queria ouvir; acreditar era outra coisa. Disse ao homem que me hospedaria no hotel Spinghar de Jalalabad.

O trajeto mais prático até o Afeganistão oriental era partindo da Índia, mas o voo FG315 da Ariana Afghan Airlines de Nova Delhi a Jalalabad não era dos que levam tenda a bordo. As passageiras iam envolvidas em *burqas*, quase todos os membros da tripulação usavam barba e o pequeno *tetrabrik* de suco de lechia estava manchado de barro. O chefe dos auxiliares de voo aproximou-se de meu assento, agachou-se no corredor a meu lado e – como se revelasse um precioso segredo militar – sussurrou em meu ouvido: “Voaremos a 31 mil pés”. Quem dera houvesse sido assim. Ao nos aproximarmos da velha pista de pouso militar soviética de Jalalabad, o piloto deu uma volta de quase 180° que mandou nosso sangue para os pés; tocou o solo no primeiro centímetro da estreita pista, o que lhe permitiu deter o avião a meio metro do final do asfalto. Dados os enferrujados radares soviéticos e o Antonov tombado junto à pista de aproximação, entendi que o terminal de chegada de Jalalabad carecia dos serviços de Heathrow ou do JFK.

Avançando pelo calor com minhas bolsas, descobri que o edifício do terminal estava vazio. Nenhum controle de imigração. Nada de aduanas. Nem um único funcionário com carimbo. Só seis jovens afegãos barbados, quatro deles com fuzis, que olharam para mim com uma mistura de cansaço e receio. Nem todos os risinhos *Salaam aleikums* do mundo teriam sido capazes de extrair deles algo além de um murmúrio em pushtu. Afinal de contas, o que essa criatura estranha e sem chapéu estava fazendo no Afeganistão carregando um reluzente estojo de câmera fotográfica e uma bolsa de lona cheia de camisetas e recortes de jornais? “Táxi?”, perguntei-lhes. E afastaram os olhos de mim, olhando para o grande avião azul e branco que tão perigosamente havia balançado sobre a cidade, como se abrigasse o segredo de minha presença.

Compartilhei o trajeto com um colaborador francês. Pareciam estar em todos os lugares. Jalalabad era uma empoeirada cidade marrom de casas de adobe e madeira, ruas de terra sem asfalto e muros ocre com cheiro de carvão e esterco de cavalo. Havia burros, cavalos, riquixás de estilo indiano, bicicletas vitorianas e, de vez em quando, uma tenda com ripas de madeira, Dodge City transplantada ao subcontinente indostânico. Khartum não tinha nada disso.

Um mês antes, dois chefes guerrilheiros locais do engenheiro Gulbuddin Hekmatyar foram à barbearia ao mesmo tempo e mataram o barbeiro e dois homens antes de definir quem seria o primeiro a cortar o cabelo. Um terço de todas as crianças internadas nos hospitais de Jalalabad tinham feridas causadas em festas de casamento por disparos festivos. A cidade estava no ponto para a disciplina islâmica.

Porém, isso não assustava as agências internacionais. Lá estavam SAVE e o Programa Alimentar Mundial, o PNUD, Médicos sem Fronteiras, MADERA, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, a Unidade de Campo de Emergência, a clínica Sandy Gall para órfãos, o Comitê Sueco para o Afeganistão, o ACNUR e uma organização agrônoma alemã; e esses eram os primeiros escritórios anunciados na estrada para Kabul. Sete anos depois da saída dos últimos soldados soviéticos, quatro anos depois da derrubada do governo comunista do presidente Mohamed Najibullah, os mujahedins afegãos vencedores da guerra matavam-se entre si em Kabul. Qual o sentido daquilo? Essas organizações estavam ali para minimizar nossa culpa por abandonar o povo afegão depois de atingir o objetivo de expulsar os soviéticos de sua terra? As Nações Unidas possuíam uma força de apenas dois soldados observando o caos do Afeganistão, um sueco e um irlandês, ambos hospedados no velho hotel Spinghar.

O Spinghar é uma relíquia da rota *hippie* do Afeganistão, um hotel de tetos altos da década de 1950 com muitas roseiras e altas palmeiras que, mesmo no inverno, balançam aos ventos quentes que sobem pelo vale do Indo. Porém, no suplício do calor de verão de 1996 – estamos em meados de julho –, um ruidoso ar-condicionado me submete a um dilema insolúvel: se o ligo para refrescar meu quarto duplo, o motor parece um tigre e vibra tão forte que é impossível dormir. Então, desligo-o. Quando começo a ler o único livro que tenho junto à cama – *Plain Tales from the Raj* –, o suor desliza por meus braços e cola meus dedos às páginas.

Depois, um rangido, um tênue som áspero ressoa no silencioso ar-condicionado. Levanto-me e, a metro e meio de meu rosto, vejo a cabeça de dragão de um enorme lagarto que olha para mim pelas frescas grades do aparelho. Ergo uma mão e a cabeça desaparece por um instante. A seguir reaparece, uma cara de brontossauro em miniatura seguida já por um longo e borrachento corpo cinza esverdeado sob a pálida luz do entardecer e grandes patas aderentes que se aferram às grades de plástico do ar-condicionado. Como em um velho filme mudo, move-se às sacudidelas. De repente vejo a

cabeça. Logo, após uma fechada do obturador, meio corpo dessa gomosidade de respiração pesada está fora do aparelho. Um instante depois, toda a criatura de um palmo e meio pende da cortina sobre a cama, balançando na tela, alheia e imperturbável, olhando para mim por cima de seu dorso fortificado. O que faz aqui?, pergunto-me. A seguir, desaparece entre as cortinas.

E, evidentemente, ligo o ar-condicionado e inundo o quarto com uma rajada de um ar frio que congela as orelhas. E viro um novelo na cama e fico de olho nos movimentos na parte de cima da cortina. Esse animal me dá medo, e eu dou medo a ele. Só depois de meia hora percebo que os reluzentes parafusos do varão da cortina são seus brilhantes olhos. Com grande atenção, contemplamo-nos mutuamente. Há outros olhando para mim? Acordo, no dia seguinte, esgotado, banhado em suor. O rapaz da recepção, usando uma camisa longa e o tradicional chapéu *pakul*, diz que ninguém perguntou por mim. Bin Laden tem amigos em Jalalabad, os caudilhos tribais conhecem-no, protegem, e até o homem que conheci em Londres disse que devia fazer o “engenheiro Mahmoud” saber que havia chegado ao Afeganistão para ver ao “xeque Osama”.

O engenheiro Mahmoud trabalha para a Unidade de Desenvolvimento e Controle Antidrogas em uma ruazinha de Jalalabad. Eu deveria ter imaginado que o purista Bin Laden estaria envolvido na erradicação das drogas. Em 1996, o Afeganistão era o principal provedor mundial de ópio ilegal, com uma produção de pelo menos 2200 toneladas métricas de ópio (em torno de 80% da heroína da Europa ocidental). Os afegãos não são imunes. No bazar de Jalalabad vêem-se jovens com fracos braços negros e olhos afundados, viciados voltando dos campos de refugiados do Paquistão, testemunhas quase inanimadas dos estragos da heroína. “É bom para os afegãos vê-los”, diz com frieza um funcionário da ajuda ocidental. “Assim, podem ver o efeito de todos esses campos de papoulas que cultivam; e, se são islâmicos como afirmam ser, talvez parem de produzir ópio.” Sorri forçado. “Ou talvez não.”

Provavelmente, não. A província oriental de Nangarhar é, nesse momento, responsável por 80% do cultivo de papoulas do país – 64% da heroína da Europa ocidental –, e os laboratórios transferiram-se do Paquistão a uma faixa fronteiriça no interior do Afeganistão; laboratórios que produzem centenas de quilos de heroína por dia, protegidos por canhões antiaéreos e veículos blindados para resistir a uma ofensiva militar. Os funcionários locais de Jalalabad afirmam ter erradicado 30 mil hectares de campos de ópio e haxixe ao longo dos últimos dois anos, mas seus esforços – muito corajosos,

dada a potência de fogo dos produtores de drogas – parecem tão inúteis quanto as tentativas do mundo de encontrar uma solução para o consumo de drogas.

No escritório do engenheiro Mahmoud, o problema é muito simples. Um mapa na parede apresenta Nangarhar com pintas vermelhas ao longo de seu limite oriental, uma varíola de campos de ópio e laboratórios que são os objetivos dos comandos armados de Mahmoud. “Erradicamos campos de haxixe utilizando nossas armas para obrigar os agricultores a cultivar a terra”, proclama. “Levamos nossas escavadoras para arar alguns campos de papoulas. Vamos com fuzis e mísseis, e os agricultores não podem fazer nada para impedir nosso trabalho. Agora, nosso *shura* [conselho] pediu ao ulemá que alerte o povo sobre os males da produção de drogas citando o Alcorão em apoio a suas palavras. E, pela primeira vez, pudemos destruir campos de haxixe sem usar a força.” Mahmoud e os dez membros de seu pessoal viram seu projeto estimulado pelo apoio das Nações Unidas. No mercado de Jalalabad, os agricultores recebiam U\$ 140 por 7 kg de haxixe e pouco mais de U\$ 250 por 7 kg de ópio, mais ou menos o mesmo preço que teriam recebido no caso de cereais. De modo que as Nações Unidas forneceram sementes de trigo para os agricultores dispostos a abandonar a produção de droga, com o argumento de que obteriam os mesmos benefícios nos mercados de Jalalabad.

Só uns poucos meses antes – e aqui se vê a estranha geografia que afetava os contatos de Bin Laden –, o engenheiro Mahmoud havia visitado Washington. “As autoridades norte-americanas encarregadas de lutar contra a droga levaram-me a sua nova sede; eu não imaginava que fosse tão grande”, explicou. “É do tamanho de metade da cidade de Jalalabad. E quando entrei, tudo era muito luxuoso, com muitos computadores. Lá eles têm muito dinheiro, mas não chega até nós, que tentamos deter a produção de droga.” O pessoal superior do escritório do engenheiro Mahmoud mal ganhava U\$ 50 por mês, e seu principal ajudante, Shamsul Hag, afirmou que a unidade antidrogas tivera que comprar, no mês anterior, 4000 kg de sementes de milho para distribuí-las aos agricultores. Porém, as ONGs ocidentais de Jalalabad tinham pouco tempo para tudo isso. “Hach Qadir, o governador de Jalalabad, foi até os funcionários antidrogas das Nações Unidas de Islamabad”, disse-me um deles, “e argumentou com eles: ‘Vejam, destruí 20 mil hectares de campos de ópio; agora vocês têm que me ajudar, porque minha gente está esperando sua ajuda’. Mas as coisas eram mais complicadas. Alguns agri-

cultores que nunca haviam cultivado papoulas começaram a plantá-las para poder obter, grátis, as sementes de milho em troca da destruição dos campos recém-plantados.” Outros colaboradores suspeitavam que os agricultores alternavam os cultivos a cada temporada entre trigo e drogas, que vendiam o ópio em troca de maiores receitas e de armas transportadas ultimamente em caixas pela estação de trem paquistanesa de Landi Kotal, no trem a vapor de Peshawar até a fronteira afegã.

O cultivo de papoula transformou-se em um agronegócio, e os traficantes dos barões da droga afegãos já tinham assessores técnicos que visitavam Nangarhar para aconselhar sobre a colheita e o produto. Pagavam adiantado e mostravam-se tão preocupados com a saúde de seus trabalhadores que lhes proporcionaram máscaras para usar nas refinarias de ópio. Disseram-me que até ofereciam seguros de vida. Aquilo era capitalismo a uma escala cruelmente ilegal. E, quando perguntei a um funcionário europeu das Nações Unidas como o mundo podia competir com isso, inspirou profundamente. “Legalizando as drogas!”, exclamou. “Legalizando tudo. Seria o fim dos barões da droga. Eles quebrariam e se matariam uns aos outros. Claro que o mundo nunca aceitaria algo assim. E por isso continuamos lutando em uma guerra perdida.”

O engenheiro Mahmoud limitou-se a dar de ombros quando lhe repeti essas palavras. O que podia fazer? Puxei o assunto do “xeque Osama” pela terceira vez. O xeque queria me ver, repeti. Não era eu que procurava por ele. Eu estava em Jalalabad a pedido do xeque. Ele havia me procurado. “Então, por que me pede que o procure?”, perguntou o engenheiro Mahmoud, com uma lógica irrefutável. Não se tratava de um problema de idioma, porque Mahmoud falava um inglês excelente. Era um coquetel de compreensão misturado com várias garrafas de suspeita. Alguém – não queria mencionar o homem de Londres – me havia dito que entrasse em contato com Mahmoud, disse-lhe. Poderia dizer ao xeque que eu estava no hotel Spinghar? Mahmoud olhou para mim com dó. “O que posso fazer?”, perguntou.

Enviei uma mensagem pelo soldado sueco das Nações Unidas – era o único operador de rádio da ONU e um de seus dois soldados no Afeganistão – e ele me conectou com a única pessoa no mundo em quem eu realmente confiava. Não houve contato, disse. Por favor, ligue para o homem de Bin Laden em Londres. No dia seguinte chegou uma mensagem por rádio, com o conselho do contato londrino. “Diga a Robert que deixe claro que não está ali por desejo próprio. Que só responde ao desejo de nosso amigo. Deve deixar

claro para o engenheiro que não faz mais que aceitar um convite. O engenheiro pode comprovar com nosso amigo... Que fique claro que está atendendo a um convite e que não foi por conta própria. Isso é o mais rápido. Afora isso, tem que esperar.” Voltei ao engenheiro Mahmoud. Estava em boa forma. Na realidade, ele achava muito engraçado, muito divertido, que eu estivesse esperando o xeque. Era algo fantástico, hilariante, extravagante. Muitos copos de chá foram servidos. E cada vez que chegava um visitante – um funcionário da unidade antidrogas, um funcionário do governador, alguém pedindo ajuda, com um filho na prisão por um delito relacionado com as drogas –, era obsequiado com a história desse inglês sem chapéu que achava ter sido convidado a Jalalabad e que agora esperava e esperava no hotel Spinghar.

Voltei ao Spinghar sob o sol do meio-dia e sentei-me no jardim, na parte da frente do edifício. Eu havia me escondido nesse mesmo hotel dezesseis anos antes; depois de Leonid Brezhnev enviar o exército soviético ao Afeganistão, consegui chegar até Jalalabad e vi as colunas blindadas soviéticas passarem diante das portas. Sobre o edifício os helicópteros rugiam, carregados de mísseis, e as janelas vibravam quando disparavam para as montanhas de Tora Bora, ao norte. Agora as borboletas brincavam ao redor das roseiras, e os jardineiros por um momento largavam rastelos e mangueiras e estendiam sobre o gramado suas esteiras para rezar. Parecia quase um paraíso. Tomei chá no jardim e contemplei o sol se movendo – rapidamente, um movimento perceptível a olho nu – por cima das folhas das palmeiras sobre minha cabeça. Era 5 de julho, um dos dias mais quentes do ano. Subi até meu quarto e adormeci.

Clac-clac-clac. Era como se alguém batesse em minha cabeça com um *piolet*. Clac-clac-clac-clac-clac. Desde pequeno, esses momentos sempre me pareceram insuportáveis; o violento puxão dos lençóis, as insistentes batidas na porta do dormitório, a berrante voz do monitor dizendo-me que acordasse. Mas esse era diferente. CLAC-CLAC-CLAC-CLAC-CLAC-CLAC-CLAC. Levantei-me. Alguém batia na janela do quarto com as chaves de um carro. “Ssssenhor Robert”, sussurrava uma voz de modo urgente. “Ssssenhor Robert.” Ciciava na palavra *senhor*. Sim, sim, aqui estou. “Por favor, desça, alguém quer vê-lo.” Só aos poucos percebi que o homem precisaria ter escalado a antiga escada de incêndio para chegar até meu quarto. Vesti-me, peguei um casaco – tinha o pressentimento de que talvez viajássemos à noite – e quase ia esquecendo minha velha Nikon. Passei com tanta calma quanto pude pelo balcão da recepção e saí para o calor da primeira hora da tarde.

O homem usava uma túnica afegã ensebada, cinza, e um pequeno chapéu redondo de algodão, mas era árabe e cumprimentou-me formalmente, pegando minha mão direita entre as suas. Sorriu. Disse chamar-se Mohamed, era meu guia. “Para ver o xeque?”, perguntei. Sorriu, mas não disse nada. Continuava preocupado com a possibilidade de uma armadilha. O guia se chamaria Mohamed, não? Proporia um passeio vespertino. Imaginava as últimas testemunhas oculares. Sim, senhor, vimos o jornalista. Vimo-lo falando com alguém fora do hotel. Não houve luta. Ele foi livremente, por sua própria vontade. Saiu pela porta do hotel.

Fiz isso, e segui Mohamed pelo pó da rua principal até que chegamos a um grupo de homens armados em uma picape estacionada entre as ruínas de uma antiga base militar soviética, um lugar cheio de veículos blindados desconjuntados com uma enferrujada estrela vermelha sobre a grade de entrada quebrada. Na parte de trás da picape havia três homens com chapéus afegãos. Um carregava um fuzil Kalashnikov, outro segurava um lança-granadas junto com seis mísseis amarrados com fita adesiva. O terceiro tinha sobre os joelhos uma metralhadora, com tripé e pente alimentador incluídos. “Senhor Robert, estes são nossos guardas”, disse o motorista com toda a tranquilidade, como se fosse a coisa mais normal do mundo adentrar os confins perdidos da província afegã de Nangarhar sob o implacável sol da tarde com três guerrilheiros barbudos. Um *walkie-talkie* ciciou e estalou sobre o ombro do companheiro do motorista enquanto outro veículo cheio de afegãos armados colocava-se atrás de nós.

Estávamos prestes a começar a andar quando Mohamed desceu da picape junto com o motorista, e ambos dirigiram-se até a área gramada, à sombra, e começaram a rezar. Durante cinco minutos, os dois homens ficaram semiprostrados, em direção ao distante desfiladeiro de Kabul e, atrás dele, à muito mais distante Meca. Afastamo-nos por uma estrada em péssimas condições e depois pegamos uma estrada de terra que contornava um canal de irrigação, com os fuzis batendo no chão da parte traseira do veículo e os olhos dos guardas observando por trás de seus lenços xadrez. Viajamos assim durante horas, passamos por povoados semiderruídos de adobe, vales e imponentes penhascos negros, uma viagem pela superfície da Lua.

Desse calor cinza surgiam os fantasmas de uma guerra terrível, do último alento imperial do comunismo; os abandonados muros de contenção das bases de fogo do exército soviético, as posições de artilharia, os tombados e empoeirados canhões e a carcaça de um tanque queimado, no qual ninguém

poderia ter sobrevivido. Em meio ao forno do final da tarde, apareceu uma cidade de antigas fortalezas de adobe com as paredes crivadas pelas metralhadoras e morteiros. Entre as ruínas, brincavam crianças nuas. Assim que passamos a cidade-fantasma, o motorista abandonou a estrada e começou a guiar sobre ardósias e penhascos, com as rodas lançando pedras enquanto margeávamos quilômetros de campos cobertos de pó amarelo. “Isto é um presente dos russos”, disse Mohamed. “Sabe por que não há ninguém trabalhando nesta terra? Porque os russos a semearam com milhares de minas.” E assim, deixamos para trás a terra morta.

Detivemo-nos uma vez, enquanto o sol branco deslizava entre as montanhas, para que os homens de trás fossem buscar melancias em um campo. Voltaram correndo aos veículos e as abriram; o suco escorreu por entre os dedos. Ao crepúsculo, chegamos a uma série de aldeias de adobe, com anciões que acendiam fogos com carvão junto ao caminho e sombras de mulheres enroladas na *burqa* afegã nas ruelas. Apareceram mais guerrilheiros, todos barbados, sorrindo para Mohamed e para o motorista. Já havia anoitecido quando paramos em um pomar com sofás de madeira cobertos com mantas do exército e muitos cinturões e cintas, onde, da escuridão, surgiram homens armados com roupas afegãs e chapéus achatados de lã, alguns brandindo fuzis e outros metralhadoras: eram os mujahedins árabes, os “afegãos” árabes denunciados pelos presidentes e reis de metade do mundo árabe e pelos Estados Unidos da América. Logo o mundo os conheceria pelo nome de Al-Qaeda.

Procediam do Egito, Argélia, Arábia Saudita, Jordânia, Síria, Kuwait. Dois deles usavam óculos, um disse ser médico. Alguns deram-se as mãos de modo bastante solene e me cumprimentaram em árabe. Sabia que esses homens estavam dispostos a dar a vida por Bin Laden, que se consideravam espiritualmente puros em um mundo corrupto, que eram inspirados e influenciados por sonhos que, segundo haviam convencido a si mesmos, vinham do céu. Mohamed fez-me um sinal para que o seguisse; margeamos um riacho, saltamos uma pequena correnteza e depois, na escuridão repleta de insetos que tínhamos adiante, vimos uma tremeluzente lamparina. Junto a ela estava sentado um homem alto, barbado, com vestes sauditas. Osama Bin Laden levantou-se, com seus dois filhos adolescentes, Omar e Saad, junto a ele. “Bem-vindo ao Afeganistão”, disse.

Ele tinha quarenta anos, mas parecia muito mais velho que em nosso último encontro no deserto sudanês, no final de 1993. Avançou para mim;

ultrapassava seus acompanhantes, alto, magro, com novas rugas ao redor desses olhos finos. Mais magro, com a barba mais longa mas levemente grisalha, usava um colete preto sobre a túnica branca e uma *keuffiah* xadrez vermelha na cabeça, e parecia cansado. Quando me perguntou por minha saúde, disse-lhe que havia feito uma longa viagem para chegar àquela reunião. “Eu também”, murmurou. Havia nele, além do mais, certo isolamento, uma distância que eu não havia percebido antes, como se estivesse revisando sua raiva, examinando a natureza de seu ressentimento; quando sorria, seu olhar se dirigia a seu filho de dezesseis anos Omar – olhos redondos com sobranças escuras e sua própria *keuffiah* – e depois à quente escuridão, onde seus homens armados patrulhavam pelos campos. Outros se juntaram para ouvir nossa conversa. Sentamo-nos sobre uma esteira de palha, e junto a mim colocaram um copo de chá.

Exatamente dez dias antes, um caminhão-bomba havia destruído parte de um complexo residencial da Força Aérea norte-americana em Al-Khobar, em Dahrán, e estávamos conversando à sombra da morte de dezenove soldados norte-americanos. O secretário de Estado norte-americano Warren Christopher visitara o lugar e prometera, como era de se esperar, que os Estados Unidos não “se deixariam influenciar pela violência”, que os autores seriam perseguidos. O rei Fahd da Arábia Saudita, que nesse momento já havia caído em um estado de demência, previu a possibilidade de violência após a chegada das forças militares norte-americanas para “defender” seu reino, em 1990. Por essa razão, havia arrancado, em 6 de agosto desse ano, do então presidente George Bush, a promessa de que todos os seus soldados abandonariam o país assim que a ameaça iraquiana desaparecesse. Porém, os norte-americanos haviam ficado, afirmando que a constante existência do regime de Saddam – que Bush havia optado por não destruir – continuava constituindo um perigo para o Golfo.

Osama Bin Laden sabia o que queria dizer. “Há pouco tempo aconselhei os norte-americanos a tirar seus soldados da Arábia Saudita. Agora aconselhamos os governos da Grã-Bretanha e França a retirar suas tropas, porque o que aconteceu em Riad e Al-Khobar mostrou que quem fez aquilo tinha um profundo conhecimento para escolher seus objetivos. Acertaram o principal inimigo, que são os norte-americanos. Não mataram inimigos secundários, nem irmãos do exército nem da polícia da Arábia Saudita [...] Dou este conselho ao governo da Grã-Bretanha. Os norte-americanos devem abandonar a Arábia Saudita, abandonar o Golfo. Os ‘males’ do Oriente Médio provêm da

tentativa dos Estados Unidos de dominar a região e de seu apoio a Israel. A Arábia Saudita transformou-se em uma ‘colônia norte-americana’.”

Bin Laden falava devagar e com precisão, um egípcio tomava notas em um grande caderno à luz da lamparina, como um escriba medieval. “Isso não significa declarar guerra ao Ocidente e aos ocidentais, mas ao regime norte-americano, que está contra todos os norte-americanos.” Interrompi-o. Diferente dos regimes árabes, eu disse, os habitantes dos Estados Unidos escolhiam seu governo. Segundo eles, seu governo os representava. Bin Laden não ligou para meu comentário. Espero que não tenha ligado. Porque, nos anos vindouros, sua guerra levaria a vida de milhares de civis norte-americanos. “A explosão de Al-Khobar não se deu como reação direta da ocupação norte-americana”, disse, “mas como resultado do comportamento norte-americano contra os muçulmanos, seu apoio aos judeus na Palestina e as matanças de muçulmanos na Palestina, no Líbano – de Sabra, Chatila e Qana – e da conferência de Sharm el-Sheikh.”

Bin Laden havia pensado bem nisso. O massacre de 1700 refugiados palestinos pelos aliados das milícias falangistas libanesas pró-israelenses em 1982 e o assassinato, pela artilharia israelense, de 106 civis libaneses em um campo das Nações Unidas em Qana, menos de três meses antes de nosso encontro, eram a prova para os milhões de ocidentais – para não falar dos árabes – da brutalidade israelense. A conferência sobre “antiterrorismo” do presidente Clinton na cidade costeira egípcia de Sharm el-Sheikh foi entendida pelos árabes como uma humilhação. Clinton havia condenado o “terrorismo” do Hamas e do Hezbollah libanês, mas não a violência de Israel. De modo que os suicidas haviam atacado em Al-Khobar pelos palestinos de Sabra e Chatila, por Qana, pela hipocrisia de Clinton; essa era a mensagem de Bin Laden. Não apenas os norte-americanos tinham que ser expulsos do Golfo; era preciso vingar injustiças históricas. Seu “conselho” aos norte-americanos era uma horrível ameaça que se cumpriria anos depois.

Porém, Bin Laden queria, na realidade, falar da Arábia Saudita. Desde nosso último encontro no Sudão, disse, a situação no reino havia piorado. Os ulemás haviam declarado, nas mesquitas, que a presença de tropas norte-americanas era inaceitável e o governo havia agido contra eles “por conselho dos norte-americanos”. Para Bin Laden, a traição ao povo saudita começou 24 anos antes de seu nascimento, quando Abdul Aziz al-Saud proclamou seu reino, em 1932. “O regime começou sob a bandeira da aplicação da lei islâmica, e sob essa bandeira todos os habitantes da Arábia Saudita

ajudaram a família saudita a tomar o poder. Mas Abdul Aziz não aplicou a lei islâmica; o país foi posto a serviço de sua família. Depois, após a descoberta do petróleo, o regime saudita encontrou outro apoio, o dinheiro, para enriquecer as pessoas e proporcionar-lhes serviços, a vida que queriam e mantê-los satisfeitos.”

Bin Laden palitava os dentes com seu habitual palito de madeira *miswak*; a história – ou sua versão dela – constituía a base de quase todas as suas observações. A família real saudita havia prometido a *sharia*, mas permitiu ao mesmo tempo “ocidentalizar a Arábia Saudita e esgotar a economia”. Acusou o regime saudita de gastar 25 bilhões de dólares em apoio a Saddam Hussein na guerra Irã-Iraque e outros 60 bilhões em apoio aos exércitos ocidentais na guerra de 1991 contra o Iraque, “comprando equipamento militar que não era necessário ou útil para o país, comprando aviões a prazo”, enquanto o resultado era desemprego, impostos elevados e uma economia em quebra. Porém, para Bin Laden, a data-chave era 1990, ano em que Saddam Hussein invadiu o Kuwait. “Quando as tropas norte-americanas entraram na Arábia Saudita, a terra dos dois lugares santos, houve, por todo o país, um forte protesto dos ulemás e dos estudantes da *sharia* contra a interferência das tropas norte-americanas. Esse grande erro do regime saudita convidando os soldados norte-americanos evidenciou seu engano. Ofereciam seu apoio a países que lutavam contra muçulmanos. Ajudavam os iemenitas comunistas contra os iemenitas muçulmanos do sul e ajudavam o regime de Arafat a lutar contra o Hamas. Após insultar e encarcerar os ulemás, há dezoito meses, o regime saudita perdeu sua legitimidade.”

O vento noturno movia-se entre as escuras árvores e agitava as túnicas dos combatentes árabes que estavam a nossa volta. Bin Laden estendeu a mão direita e usou os dedos para fazer a lista dos “erros” da monarquia saudita. “Ao mesmo tempo, a crise financeira estourou no reino, e agora todo o mundo padece suas conseqüências. Os comerciantes sauditas viram que os contratos não eram cumpridos. O governo lhes deve 340 bilhões de rials sauditas, o que é uma quantia fabulosa; representa 30% da renda nacional no interior do reino. Os preços sobem e as pessoas têm que pagar mais pela eletricidade, água e combustível. Os agricultores sauditas não recebem dinheiro desde 1992, e quem consegue subvenções recebem-nas agora como créditos estatais dos bancos. O ensino está se deteriorando, e as pessoas têm que tirar as crianças das escolas públicas e levá-las a colégios particulares, o que é muito caro.”

Bin Laden fez um pausa para ver se eu havia ouvido sua aula exclusiva de História, detalhada e terrível. “Os sauditas recordaram agora o que os ulemás lhes disseram e percebem que os Estados Unidos são a principal razão de seus problemas... o homem da rua sabe que seu país é o maior produtor de petróleo do mundo e ao mesmo tempo arca com impostos e serviços ruins. Agora as pessoas compreendem os sermões dos ulemás nas mesquitas, que nosso país se transformou em uma colônia norte-americana. Agem com decisão em cada ato para expulsar os norte-americanos da Arábia Saudita. O que aconteceu em Riad e Al-Khobar é uma prova clara da grande raiva do povo saudita contra os Estados Unidos. Os sauditas sabem, agora, que seu verdadeiro inimigo são os Estados Unidos.” Não restava dúvida sobre a argumentação de Bin Laden. A queda do regime saudita e a saída das forças norte-americanas do reino eram, para ele, a mesma coisa. Afirmava que a liderança religiosa da Arábia Saudita – na qual claramente se incluía – era uma fonte de inspiração para os sauditas, que os próprios sauditas expulsariam os norte-americanos, que os sauditas – até então considerados um povo rico e satisfeito consigo – poderiam bater os Estados Unidos. Isso seria verdade?

O ar transbordava de insetos. Eu escrevia no caderno com a mão direita e com a esquerda os espantava do rosto e da roupa; eram insetos grandes de asas largas e criaturas parecidas a traças que pousavam em minha camisa e nas folhas da caderneta. Vi que se chocavam contra a túnica branca de Bin Laden, até contra seu rosto, como que alertados pela fúria que emanava desse homem. Ele às vezes parava de falar durante sessenta segundos – era o primeiro personagem árabe que eu notava que o fazia – para refletir sobre o que dizia. A maioria dos árabes, diante da pergunta de um jornalista, diziam a primeira coisa que lhes passava pela cabeça por medo de parecer ignorantes se não respondessem no ato. Bin Laden era diferente. Era alarmante, porque estava possuído por essa qualidade que leva os homens à guerra: uma convicção absoluta. Nos anos seguintes, veria outros manifestarem essa perigosa característica – penso em George W. Bush e Tony Blair –, mas nunca com a funesta determinação de Osama Bin Laden.

Havia um toque sinistro em seus cálculos. “Imagine que um quilo de TNT explode em um país no qual ninguém ouve uma explosão há cem anos”, disse ele. “Sem dúvida, a explosão de 2500 kg de TNT em Al-Khobar é uma clara prova da magnitude da fúria das pessoas contra os norte-americanos e de sua capacidade para prosseguir com a resistência contra a ocupação norte-americana.” Se eu tivesse dotes proféticos, teria sido capaz de refletir mais

profundamente sobre essa terrível metáfora que Bin Laden acabava de utilizar? Não havia ali um país – uma nação que não conhecesse a guerra dentro de suas fronteiras havia muito mais de cem anos – que pudesse ser atingido com a “prova” da fúria de um povo, 2500 vezes maior que qualquer coisa imaginável? Mas eu estava calculando equações mais prosaicas.

Bin Laden havia me perguntado – algo rotineiro em qualquer palestino sob a ocupação – se os europeus não resistiram à ocupação durante a Segunda Guerra Mundial. Respondi que nenhum europeu aceitaria essa argumentação aplicada à Arábia Saudita, porque os nazistas mataram milhões de europeus, e os norte-americanos não haviam assassinado nem um único saudita. Tal paralelismo era incorreto histórica e moralmente. Bin Laden não concordou. “Nós, muçulmanos, temos um forte sentimento de unidade [...] Sofremos por nossos irmãos da Palestina e do Líbano [...] Se morrem sessenta judeus na Palestina”, referia-se aos atentados suicidas palestinos ocorridos em Israel, “todo o mundo se congrega no prazo de uma semana para criticar essa ação, enquanto a morte de 600 mil crianças iraquianas não merece a mesma reação.” Era a primeira referência de Bin Laden ao Iraque e às sanções das Nações Unidas que provocariam a morte, segundo os funcionários das próprias Nações Unidas, de mais de meio milhão de crianças. “A matança dessas crianças iraquianas é uma cruzada contra o islã”, disse Bin Laden. “Nós, muçulmanos, não gostamos do regime iraquiano, mas acreditamos que o povo iraquiano e suas crianças são nossos irmãos e nos preocupamos com seu futuro.” Era a primeira vez que o ouvia utilizar a palavra *cruzada*.

Porém, não seria a primeira vez – nem a última – que Bin Laden se distanciava da ditadura de Saddam Hussein. De pouco lhe serviria. Cinco anos depois, os Estados Unidos dariam início a uma invasão do Iraque, justificada em parte pelo “apoio” de um homem ao regime que tanto detestava. Porém, não foram essas as únicas palavras pronunciadas por Bin Laden nessa noite às quais eu devia ter prestado mais atenção. Porque uma hora colocou a mão direita no peito. “Acho que cedo ou tarde os norte-americanos abandonarão a Arábia Saudita, e a guerra declarada pelos Estados Unidos contra o povo saudita é uma guerra contra os muçulmanos de todos os lugares”, disse. “A resistência contra os Estados Unidos se estenderá a muitos lugares dos países muçulmanos. Nossos leais dirigentes, os ulemás, ditaram-nos uma *fatwa*, de acordo com a qual devemos expulsar os norte-americanos.”

Já fazia um tempo que crescia uma tempestade elétrica a leste do acampamento de Bin Laden, e víamos as brilhantes cintilações alaranjadas dos

relâmpagos sobre as montanhas da fronteira paquistanesa. Porém, Bin Laden pensou que podia ser fogo de artilharia, a seqüência das batalhas entre mujahedins que haviam causado perda a seu espírito após a guerra anti-soviética. Sentia-se cada vez mais incomodado. Interrompeu a conversa para rezar. Depois, sobre a esteira de palha, vários homens jovens e armados serviram o jantar: pratos de iogurte e queijo, pão *nan* afegão e mais chá. Bin Laden permaneceu sentado entre seus filhos, em silêncio, com os olhos na comida. De vez em quando me fazia perguntas. Qual seria a reação do Partido Trabalhista britânico diante da exigência de as tropas inglesas abandonarem a Arábia Saudita? Tony Blair, o líder da oposição trabalhista, era importante? Não lembro, infelizmente, minha resposta. Bin Laden disse que três de suas esposas logo chegariam ao Afeganistão. Eu poderia ver as tendas onde se alojariam se quisesse, nas cercanias de Jalalabad, “tendas humildes” para sua família. Disse a um egípcio que segurava um fuzil que me levasse ao acampamento no dia seguinte.

A seguir, apontou para mim. “Estou surpreso com o governo britânico”, disse de repente. “Enviou-me uma carta por meio da embaixada em Khartum antes de sair do Sudão dizendo que eu não seria bem-vindo no Reino Unido. Mas eu não pedi para ir à Grã-Bretanha. Por que me mandaram a carta? A carta dizia: ‘Se vier à Grã-Bretanha, não será admitido’. A carta deu à imprensa saudita a oportunidade de afirmar que eu havia pedido asilo político à Grã-Bretanha, coisa que não é verdade.” Acreditei em suas palavras. O Afeganistão era o único país que lhe restava após seu exílio de cinco anos e meio no Sudão. Ele estava de acordo. “Para mim, o lugar mais seguro do mundo é o Afeganistão.” É o único lugar, repeti, onde podia fazer campanha contra o governo saudita. Bin Laden e vários de seus combatentes árabes explodiram em gargalhadas. “Há outros lugares”, respondeu. Referia-se ao Tajiquistão?, perguntei. Ou ao Uzbequistão? Ou Cazaquistão? “Temos amigos e bons irmãos em vários lugares; entre eles podemos encontrar refúgio e segurança.”

Eu disse a Bin Laden que já era um homem perseguido. “O perigo é parte de nossa vida”, replicou. “Percebe que passamos dez anos lutando contra os soviéticos e o KGB? Quando lutávamos contra os russos aqui, vieram para o Afeganistão 10 mil sauditas ao longo de um período de dez anos. Havia três vôos semanais de Jeddah a Islamabad, e cada vôo estava cheio de sauditas que vinham lutar...” Mas, sugeri de modo pouco caritativo, os norte-americanos não apoiavam os mujahedins? Bin Laden respondeu rapidamente. “Em nenhum momento fomos amigos dos norte-americanos. Sabíamos

que apóiam os judeus na Palestina e que são nossos inimigos. A maioria das armas que chegaram ao Afeganistão foi paga pelos sauditas por ordens dos norte-americanos, porque Turki al-Faissal [o chefe do Serviço Externo de Inteligência] e a CIA trabalhavam juntos.”

Bin Laden mostrava-se alerta nesse momento, quase agitado. Havia algo que precisava dizer. “Contarei uma coisa. Na semana passada, recebi um enviado da embaixada saudita em Islamabad. Sim, veio até o Afeganistão para me ver. O governo saudita, evidentemente, quer passar para as pessoas daqui uma mensagem diferente, que eu deveria me entregar. Mas, na realidade, queriam falar diretamente comigo. Queriam me pedir para voltar à Arábia Saudita. Respondi que falaria com eles com uma condição: que o xeque Sulieman al-Owda, o ulemá, estivesse presente. Prenderam o xeque Sulieman por falar contra o regime corrupto. Sem sua liberdade, a negociação não é possível. Não tive resposta desde então.”

Era essa revelação que deixava Bin Laden nervoso? Pôs-se a falar com seus homens de *amniya*, segurança, e olhou várias vezes para as cintilações do céu. Tentei fazer outra pergunta. Que tipo de Estado islâmico Bin Laden desejava ver? Nele, cortariam a mão e a cabeça dos ladrões e dos assassinos, como faziam na Arábia Saudita? A resposta foi muito pouco satisfatória. “O islamismo é uma religião completa que abrange todos os detalhes da vida. Se um homem é muçulmano de verdade e comete um delito, sentir-se-á contente se for castigado com justiça. Isso não é crueldade. A origem desses castigos vem de Deus por meio do profeta Maomé, que a paz esteja com ele.”

Osama Bin Laden talvez seja dissidente, mas moderado nunca. Pedi permissão para bater uma foto, e enquanto ele debatia com seus acompanhantes, rascunhei em meu caderno as palavras que utilizaria no último parágrafo de meu artigo sobre o encontro: “Osama Bin Laden acha que neste momento representa o inimigo mais formidável do regime saudita e da presença norte-americana no Golfo. Com certeza ambos fazem bem em considerá-lo como tal”. Eu estava subestimando esse homem.

Sim, respondeu, podia bater a foto. Abri minha câmera e deixei que seus guardas me olhassem enquanto colocava o filme nela. Disse-lhes que não queria utilizar *flash* porque achatava a imagem de um rosto humano e lhes pedi que aproximassem a lamparina. O escriba egípcio segurou-a a um palmo do rosto de Bin Laden. Pedi-lhe que a aproximasse mais, até dez centímetros, e tive que guiar fisicamente seu braço até que as luzes e as sombras acentuaram os traços de Bin Laden. Então, sem avisar, ele inclinou a cabeça para trás

e em seu rosto apareceu um tênue sorriso, junto com essa convicção e esse toque de vaidade que eu achara tão inquietantes. Chamou seus filhos Omar e Saad, que se sentaram junto a ele enquanto eu tirava outras fotografias e Bin Laden se transformava em pai orgulhoso, em homem de família, um árabe em sua casa.

Então, sua preocupação voltou. Os trovões já eram constantes e se misturavam com o ruído da artilharia. Eu devia ir embora, apressou-me, e percebi que queria dizer que ele tinha que ir embora, que já era hora de voltar à fortaleza afegã. Apertamos as mãos, mas ele já procurava os guardas que o levariam. Mohamed, meu motorista, e apenas dois dos homens armados que me haviam levado até esses campos úmidos e cheios de insetos famintos apareceram para me devolver ao hotel Spinghar, um trajeto cheio de perigo. Ao passar por pontes e encruzilhadas, fomos detidos várias vezes por homens armados das facções que lutavam pelo controle de Kabul. Um deles agachou-se na estrada em frente a nosso veículo, gritando, apontando o fuzil, enquanto seu companheiro surgia da escuridão para comprovar a identidade do motorista e nos deixar passar. “Afeganistão lugar muito difícil,” observou Mohamed.

Seria difícil também para a família de Bin Laden. Na manhã seguinte, o egípcio apareceu no hotel Spinghar para me levar até o acampamento em que ficariam as famílias dos “afegãos” árabes que voltassem. Era bastante vulnerável. Só alguns arames farpados o separavam do campo aberto, e as três tendas destinadas às esposas de Bin Laden, apertadas uma contra a outra, eram insuportavelmente quentes. Na parte de trás haviam sido cavadas três latrinas, e em uma boiava uma rã morta. “Viverão aqui entre outros”, disse o egípcio. “São mulheres acostumadas a viver confortavelmente.” Porém, seus temores centravam-se na aparente presença de três agentes de segurança egípcios que se haviam aproximado do acampamento em uma picape verde. “Sabemos quem são e temos a placa do carro. Há uns dias, aproximaram-se de meu filho e disseram: ‘Sabemos que você se chama Adbulah e sabemos quem é seu pai. Onde está Bin Laden?’”. Depois lhe perguntaram por que eu estava no Afeganistão.”

Outro dos árabes do acampamento rebateu a afirmação de que esse era um dos diversos países muçulmanos em que podia se refugiar. “Ao senhor Bin Laden não resta outro país”, disse educadamente. “Quando estive no Sudão, os sauditas quiseram capturá-lo com ajuda dos iemenitas. Sabemos que o governo francês tentou convencer o sudanês a entregá-lo, porque os sudaneses haviam lhes dado o sul-americano [isto é, Carlos, o Chacal]. Os

norte-americanos pressionavam os franceses para capturarem Bin Laden no Sudão. Um grupo árabe recebeu dinheiro dos sauditas para matá-lo e atiraram nele, mas os guarda-costas de Bin Laden responderam e feriram dois deles. Os mesmos homens tentaram matar Tourabi.” O egípcio ouviu em silêncio. “Sim, o país é muito perigoso”, disse. “Os norte-americanos tentam bloquear a rota do Afeganistão para os árabes. Prefiro as montanhas. Sinto-me mais seguro. Este lugar é quase uma Beirute.”

Não por muito tempo. Antes de se transcorrerem nove meses eu estaria de volta a um Afeganistão transformado e ainda mais sinistro, onde o povo estaria governado por uma devoção dura e ignorante que nem sequer Bin Laden teria imaginado. De novo eu receberia uma ligação em Beirute, o convite para ver “nosso amigo”, o atraso – muito intencional de minha parte – antes de partir de novo para Jalalabad. Dessa vez, a viagem foi uma combinação de farsa e incredulidade. Já não havia vôos de Nova Delhi, de modo que primeiro voei para o emirado de Dubai. “Um vôo para Jalalabad?”, perguntou-me meu agente de viagens indiano. “Tem que contatar a Magic Carpet.” Ele tinha razão. A companhia Magic Carpet Travel, Viagens Tapete Mágico – em qualquer filme, esse nome jamais teria obtido a aprovação dos roteiristas* –, era dirigida por um libanês que disse que fosse no dia seguinte, às 8h30 da manhã, ao velho e seco aeroporto do vizinho e muito mais pobre emirado de Sharja, ao qual havia sido enviada, como castigo, a Ariana Linhas Aéreas Afegãs. Sharja abrigava uma multidão de linhas aéreas párias que voavam do Golfo para o Cazaquistão, Ucrânia, Tadjiquistão e diversas obscuras cidades iranianas. Meu avião para Jalalabad era o mesmo velho Boeing 727, mas agora em condições muito mais reduzidas, cruelmente transformado em um avião de carga.

Os membros da tripulação eram todos afegãos – homens de barba hirsuta, posto que os talibãs acabavam de tomar o poder no Afeganistão e haviam ordenado aos homens parar de fazer a barba – e se esforçaram para que eu ficasse confortável no solitário e sujo assento de passageiro situado na parte da frente. COLETE SALVA-VIDAS SITUADO DEBAIXO DO ASSENTO, rezava um cartaz na porta do banheiro. Não havia colete. O vaso sanitário estava cheio de fezes, e um cheiro terrível estendia-se por toda a carga de rolamentos e têxteis da parte de trás. Ao decolar, um charco de líquido nauseabundo saiu do banheiro e deslizou pelo centro da aeronave. “Não se preocupe, está

* Quanto mais perigoso o destino, mais fantasioso é o nome da companhia aérea que voa até lá. O único vôo direto de Beirute até a caldeira do Iraque ocupado era feito por outra companhia chamada – sim, de fato – Flying Carpet Airlines, Linhas Aéreas Tapete Voador.

em mãos seguras”, insistiu um membro da tripulação enquanto atravessávamos uma turbulência e me apresentava a um gigante de barba grisalha que não parava de ranger os dentes e esfregar as mãos em um pano úmido. “É nosso mecânico-chefe de vôo”, disse. Sobre os montes Spinghar, o mecânico finalmente sentiu o cheiro, entrou no diminuto cubículo com uma ferramenta e enfrentou o encanamento. Quando aterrissamos na velha pista de Jalalabad, eu estava disposto a considerar uma viagem de volta por via terrestre.

O agente de imigração, um adolescente com um Kalashnikov, era tão analfabeto que desenhou um quadrado e um círculo em meu passaporte ao contrário, porque não sabia escrever seu nome. A tripulação do avião levou-me em seu microônibus até Jalalabad, a mesma empoeirada cidade fronteira que recordava do mês de julho anterior, mas dessa vez sem a metade da população. Não havia mulheres. Só de vez em quando vislumbrava alguma, amortalhada em sua *burqa*, às vezes levando crianças pequenas pela mão. As portas do recinto da Universidade de Nangarhar estavam fechadas com correntes, os caminhos cobertos de mato e as residências dos estudantes com goteiras. “Os talibãs dizem que esta semana a universidade voltará a abrir”, informou-me o funcionário dos correios. “Mas qual o sentido disso? Todos os professores foram embora. As mulheres não podem se educar. Voltamos ao ano zero.”

Não totalmente, claro. Pela primeira vez em anos, não havia tiroteios em Jalalabad. Os talibãs haviam se apoderado de todas as armas – e as faziam voar pelos ares alguns dias depois em uma explosão que quase me mata –, mas uma espécie de lei havia sido imposta nessa furiosa sociedade tribal. Os colaboradores humanitários podiam se movimentar pela cidade à noite; e talvez por isso alguns diziam que era possível “fazer tratos” com os talibãs, e não tínhamos direito de interferir na “cultura tradicional”. Os roubos eram quase desconhecidos. Os preços subiam, mas pelo menos agora havia verduras e carne no mercado.

Os talibãs haviam conseguido derrotar, em todo o país, salvo na distante região norte-oriental, doze das quinze milícias de corruptos mujahedins afegãos, e haviam imposto aos habitantes sua dura legitimidade. Tratava-se de um credo sunita wahabita purista cuja interpretação da *sharia* lembrava os prelados protocristãos mais severos. As cabeças e as mãos cortadas, assim como uma perspectiva totalmente misógina, vinculavam-se facilmente à hostilidade dos talibãs diante de qualquer forma de diversão. O hotel Spinghar costumava orgulhar-se de um velho televisor norte-americano que nesse momento estava escondido em um galpão no jardim por medo da destrui-

ção. Os televisores, como as fitas de vídeo e os ladrões, costumavam acabar pendurados das árvores. “O que espera?” perguntou-me o jardineiro perto das ruínas do velho palácio de inverno de Jalalabad. “Os talibãs vêm dos campos de refugiados. Dão-nos o que tinham.” E então percebi que as novas leis do Afeganistão – tão anacrônicas e brutais para nós e para os afegãos cultos – não eram tanto uma tentativa de renascimento religioso, mas uma continuação da vida nos imensos e sujos acampamentos onde tantos milhões de afegãos haviam se congregado nas fronteiras de seu país após a invasão soviética, dezesseis anos antes.

Os pistoleiros talibãs haviam crescido como refugiados nesses insalubres acampamentos do Paquistão. Havia passado os dezesseis primeiros anos de vida na mais absoluta miséria, privados de qualquer educação e entretenimento, impondo seus mortíferos castigos, mantendo cegamente submissas mães e irmãs enquanto os homens decidiam sobre como lutar contra os opressores estrangeiros do outro lado da fronteira, tendo como única diversão uma leitura detalhada e obsessiva do Alcorão, o único caminho verdadeiro em um mundo no qual não cabia contemplar nenhum outro. Os talibãs não haviam chegado para reconstruir um país do qual não se lembravam, mas para reconstruir seus campos de refugiados em uma escala maior. Por isso não podia haver educação. Nem televisão. As mulheres tinham que ficar em casa, como haviam ficado nas tendas em Peshawar. Assim seria no aeroporto quando eu fosse embora; outro agente de imigração, esse talvez de apenas quinze anos, estava maquiado e, como muitos argelinos que lutavam no Afeganistão, tinha certeza de que o Profeta usava *kehol* nos olhos, na Arábia dos séculos VI e VII da era cristã. Negar-se-ia a carimbar meu passaporte porque eu não tinha visto de saída, por mais que não existissem vistos de saída em Jalalabad. Porém, eu havia quebrado uma regra capital. Não usava barba. O rapaz apontaria para meu queixo, sacudiria a cabeça em sinal de admoestação, como um menino-professor que descobria a maldade assim que a via, e me levaria com desprezo para o velho avião estacionado na pista.

No jardim do hotel Spinghar, duas crianças aproximaram-se de mim, uma de catorze anos, com uma pilha de apostilas. Em uma delas havia escrito à mão, em inglês macarrônico, um exercício de gramática. “Complete com o verbo coreta [*sít*]”, pedia: “Ele... indo para casa. Coloque: ‘havia / estava / terá.’” Gentilmente coloquei “estava” e corrigi “coreta”. Era essa a nova educação dos pobres afegãos? De qualquer maneira essas crianças aprendiam um idioma estrangeiro em sua lamentável escola. A criança menor tinha até uma

gramática persa que contava – invariavelmente – a vida do profeta Maomé. Pois bem, as alunas não existiam. Uma tarde, durante os mesmos monótonos dias de espera, enquanto estava sentado sob uma cobertura tomando chá, uma mulher enrolada em uma pálida *burqa* azul avançou lentamente pelo caminho de entrada murmurando para si. Virou à esquerda rumo aos jardins, mas desviou para minha direção. Estava gemendo, com uma voz que subia e descia como uma gaiivota, chorando e soluçando. Era evidente que desejava que o estrangeiro ouvisse esse lúgubre protesto. A seguir, perdeu-se entre as roseiras.

Acaso nos importava? Nesse mesmo momento, os representantes do Projeto do Oleoduto da Ásia Central da Union Oil Company of California (UNOCAL) negociavam com os talibãs para garantir os direitos de um gasoduto que levaria gás do Turcomenistão até o Paquistão passando pelo Afeganistão; em setembro de 1996, o Departamento de Estado norte-americano anunciou que iniciaria relações diplomáticas com os talibãs, embora se desdissesse depois. Entre os funcionários da UNOCAL estavam Zalmay Khalilzad – cinco anos depois, seria nomeado enviado especial do presidente George W. Bush ao Afeganistão “libertado” – e um dirigente pushtu chamado Hamid Karzai. Não é de se estranhar que os afegãos adotassem uma atitude de receio perante os Estados Unidos. Os aliados dos Estados Unidos originariamente apoiaram Bin Laden contra os soviéticos. Depois, os Estados Unidos transformaram Bin Laden em inimigo público número um, um posto certamente difícil de conservar na roda da fortuna do Pentágono, já que Washington não parava de descobrir novos monstros, frequentemente em proporção inversa a sua capacidade para capturar os antigos. Nesse momento cortejava os talibãs. Mas, por quanto tempo? Poderia Bin Laden, um homem cujos objetivos políticos eram infinitamente mais ambiciosos que os dos talibãs, manter a integridade de seu exílio junto a homens que só desejavam reprimir seu povo? Os talibãs protegeriam Bin Laden com mais coragem que a fracassada República Islâmica do Sudão?



Na encosta, a máquina continuou sua inspeção da máquina. Brilhava uma lua fria, e quando a névoa não escondia sua luz, eu via os apertados lábios do homem alto e as afundadas covas das faces atrás dos óculos de sol. Na gelada encosta, abriu minha pasta escolar que sempre carrego em países agrestes e remexeu dentro, o passaporte, as credenciais da imprensa, os cadernos, os velhos jornais libaneses e do Golfo. Tirou a câmera Nikon de seu estojo. Abriu a parte de trás, comprovou o disparo automático e depois ajoelhou-se

nas pedras junto ao estojo da câmera e abriu todas as embalagens de plástico dos filmes. A seguir, devolveu tudo com cuidado ao estojo, fechou a câmera, tirou o automático e estendeu-me tudo. *Shukran*, disse. De novo, não houve resposta. Voltou-se para o motorista, assentiu com a cabeça e continuamos nossa subida pela pista gelada. Estávamos a 1700 metros. Mais luzes brilharam, até que viramos para um lado ao passar junto a um grande penhasco, e diante de nós apareceu um pequeno vale iluminado pela lua. Havia mato, árvores, um riacho de águas geladas que serpenteava por ele e um grupo de tendas ao pé de um precipício. Dois homens se aproximaram. Houve mais cumprimentos formais árabes, com minha mão direita agarrada pelas duas de quem me cumprimentava. Confie em nós. Era sempre essa a intenção desses cumprimentos. Um argelino, que falava francês fluentemente, e um egípcio convidaram-me para dar uma volta pelo pequeno vale.

Lavamos as mãos no riacho e caminhamos pelo espesso mato até uma escura fenda na parede do precipício que tínhamos adiante. Quando meus olhos se acostumaram à luz, distingi um enorme retângulo no flanco da montanha, um refúgio antiaéreo de seis metros de altura escavado na rocha pelos homens de Bin Laden durante a guerra soviética. “Era para um hospital”, disse o egípcio. “Aqui trazíamos nossos mujahedins feridos e estavam a salvo de qualquer avião soviético. Ninguém podia nos bombardear. Estávamos a salvo.” Entrei nessa gruta artificial, com o argelino segurando uma lanterna, até ouvir o rangido de meus passos ressoando fracamente nas profundezas do túnel. Quando saímos, a lua quase me deslumbrou, o vale estava banhado por sua luz branca, outro pequeno paraíso de árvores, água e picos de montanha.

A tenda à qual me levaram era militar, uma lona impermeabilizada cáqui amarrada a estacas de ferro, um tecido na entrada, colchões manchados no chão. Havia chá em uma grande chaleira de aço e sentei-me com o egípcio, o argelino e com três homens que entraram com Kalashnikovs. Esperamos talvez meia hora, durante a qual o argelino reconheceu pouco a pouco que era membro da “resistência islâmica” ao regime militar argelino. Falei de minhas visitas à Argélia, da habilidade dos muçulmanos para lutar nas montanhas e no *bled* – as planícies do interior – contra as tropas governamentais, como havia feito o FLN argelino contra o exército francês na guerra da independência de 1954-1962. O argelino gostou da comparação – essa havia sido minha intenção – e não mencionei minha suspeita de que pertencia ao Grupo Islâmico Armado (GIA), que o governo responsabilizava pelas degolas e esquarteramentos que haviam manchado os últimos quatro anos de história da Argélia.

Houve um súbito ruído de vozes do lado de fora, fino e urgente, como a trilha sonora de um filme antigo. A seguir, a porta da tenda se ergueu e Bin Laden entrou, usando um turbante e uma túnica verde. Levantei-me, meio inclinado sob a lona, e nos estreitamos as mãos, obrigados ambos pelo tecido que tocava nossas cabeças a nos cumprimentarmos como paxás otomanos; inclinamo-nos e nos olhamos. De novo, parecia cansado, e percebi que mancava um pouco quando entrou na tenda. Sua barba estava mais branca e o rosto mais magro do que eu lembrava. Porém, estava muito sorridente, quase jovial; colocou o fuzil que carregava no colchão a sua esquerda e insistiu para que seu convidado tomasse mais chá. Durante vários segundos olhou para o chão. Depois olhou para mim com um sorriso ainda maior, gentil e, pensei de repente, muito inquietante.

“Senhor Robert”, começou, e olhou para os outros homens com casacos de campanha e chapéus marrons moles, que se amontoavam na tenda. “Senhor Robert, um de nossos irmãos teve um sonho. Sonhou que o senhor vinha um dia até nós montado em um cavalo, que usava barba e era uma pessoa espiritual. Usava uma túnica como nós. Isso significa que é um verdadeiro muçulmano.”

Aquilo foi aterrador. Foi um dos momentos mais terríveis de minha vida. Compreendi, um décimo de segundo antes de cada palavra, o que Bin Laden queria dizer. Sonho. Cavalo. Barba. Túnica. Muçulmano. Os outros homens assentiam com a cabeça e olhavam para mim, alguns sorrindo, outros contemplando em silêncio o inglês que havia aparecido no sonho do “irmão”. Eu estava horrorizado. Era, ao mesmo tempo, uma armadilha e um convite, e o momento mais perigoso para estar entre os homens mais perigosos do mundo. Não podia repudiar o “sonho”, não sem insinuar que Bin Laden estava mentindo. Porém, também não podia aceitar seu significado sem mentir, sem insinuar que o que claramente se referia a mim – que devia aceitar esse “sonho” como profecia e como ordem divina – podia vir a se cumprir. Que esse homem – esses homens – tenha confiado em mim, um estrangeiro, que pensou que me aproximava deles sem preconceitos – de modo que me consideraram honesto – era uma coisa. Pois bem, imaginar que me juntaria a eles em sua luta, que me transformaria em um deles, era algo totalmente impossível. O grupo esperava uma resposta.

Eu não estaria imaginando tudo isso? Não podia ser apenas uma maneira elaborada e retórica de expressar respeito tradicional por um visitante? Não era só a tentativa de um muçulmano – muitos ocidentais no Oriente Médio tiveram uma experiência similar – de ganhar um adepto para sua fé? Bin

Laden – sejamos sinceros – estava tentando me recrutar? Receava que sim. E depois compreendi o que isso poderia significar. Um ocidental, um homem branco da Inglaterra, jornalista de um jornal respeitável – não um britânico de origem árabe ou asiática convertido ao islamismo – seria uma grande aquisição. Poderia movimentar-se sem levantar suspeitas, poderia tornar-se funcionário público, alistar-se no exército, até – como consideraria só quatro anos depois – aprender a pilotar um avião. Eu tinha que sair dali, depressa, e tentei encontrar uma rota de fuga intelectual, tentando escavá-la com tanto afincamento que meu cérebro ardia.

“Xeque Osama”, comecei a dizer, antes até de decidir minhas palavras seguintes. “Xeque Osama, eu não sou muçulmano.” Houve um silêncio na tenda. “Sou jornalista.” Isso ninguém poderia rebater. “E o trabalho do jornalista é contar a verdade.” Isso ninguém ia querer discutir. “E esse é meu propósito na vida, contar a verdade.” Bin Laden olhava para mim como um falcão. E compreendeu. Eu declinava a oferta. Diante de seus homens, cabia a ele retirar-se com elegância. “Se conta a verdade, isso significa que é um bom muçulmano”, disse. Os homens vestidos com casacos de campanha assentiram diante dessa demonstração de sagacidade. Eu estava salvo. Como diz o clichê, “voltei a respirar”. Não havia acordo.

Talvez tenha sido pela necessidade de abreviar o episódio, de esconder seu desconforto diante desse pequeno fracasso que Bin Laden fixou o olhar súbita e melodramaticamente na pasta escolar que estava junto a minha câmera e nos jornais libaneses visíveis em parte dentro dela. Pegou-os. Precisava lê-los. E, diante de todos nós, arrastou-se com os jornais na mão até o canto onde sibilava a lamparina. E ali, durante meia hora, ignorando todos nós, leu a imprensa árabe, às vezes pedindo ao egípcio que lesse um artigo, outras vezes mostrando um jornal a um dos homens armados. Eu estava, comecei a me perguntar, no centro do “terror mundial”? Ouvindo o porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, lendo os editoriais do *New York Times* ou do *Washington Post*, poderia ser perdoado por acreditar que Bin Laden dirigia sua “rede de terror” de um *bunker* de última tecnologia, com computadores e planos de batalha digitalizados, de onde acionava um botão para mandar seus seguidores atacarem o objetivo ocidental seguinte. Porém, esse homem parecia divorciado do mundo exterior. Não tinha um rádio? Uma televisão? Nem sequer sabia – ele mesmo me disse após ler os jornais – que o ministro de Assuntos Exteriores do Irã, Ali Akbar Velayati, havia visitado a Arábia Saudita, seu país, pela primeira vez em mais de três anos.

Quando voltou a seu lugar no canto da tenda, Bin Laden mostrou seu lado formal e sério. Preveniu os norte-americanos de um novo ataque contra suas forças na Arábia Saudita. “Continuamos no início da ação militar contra eles”, disse. “Mas eliminamos o obstáculo psicológico que representava lutar contra os norte-americanos [...] É a primeira vez em catorze séculos que os dois lugares santos estão ocupados por forças não islâmicas.” Insistiu em que os norte-americanos se encontravam no Golfo pelo petróleo e começou uma história moderna da região para demonstrar isso.

“Por essa razão Brezhnev queria chegar ao estreito de Ormuz pelo Afeganistão, mas graças a Alá e à *Jihad*, não só foi derrotado no Afeganistão, mas também teve aqui seu final. Carregamos armas nos ombros durante dez anos, e nós, e os filhos do mundo islâmico, estamos dispostos a carregar armas durante o resto de nossas vidas. Mas, apesar disso, o petróleo não é a causa direta de os norte-americanos ocuparem a região; já o obtinham a preços atraentes antes da invasão. Há outras razões, principalmente a aliança sionista-norte-americana, temerosa diante da força islâmica e das terras de Meca e Medina. Teme que um renascer islâmico arrase Israel. Temos certeza de que mataremos os judeus da Palestina. Temos certeza de que, com a ajuda de Alá, venceremos as forças norte-americanas. É só uma questão de valores e tempo. Dizer que estão protegendo a Arábia do Iraque é mentira, todo o papo sobre Saddam é uma armadilha.”

Ali estava aparecendo algo novo. Condenar Israel era o comum em qualquer nacionalista árabe, e tanto mais em um homem que achava participar de uma *Jihad* islâmica. Porém, Bin Laden juntava, nesse momento, os Estados Unidos e Israel em um único país – “Para nós, não há diferença entre os governos norte-americano e israelense, nem entre os soldados norte-americanos e israelenses”, diria depois, e, referindo-se a seus objetivos, falava de judeus, em vez de soldados israelenses. Quanto tempo passaria antes que fossem acrescentados à lista todos os ocidentais, todos os habitantes dos “países dos cruzados”? Não reivindicou os atentados de Riad e Al-Khobar, mas elogiou os quatro homens acusados de causar as explosões, dois dos quais admitiu ter conhecido. “Sinto um grande respeito pelos que realizaram esses ataques”, disse. “Considero isso um grande ato e uma enorme honra da qual perdi a oportunidade de participar.” Mas Bin Laden também desejava mostrar o apoio a sua causa, que, segundo afirmava, crescia no Paquistão. Tirou uns recortes de jornal dos sermões de clérigos paquistaneses, que haviam condenado a presença norte-americana na Arábia Saudita, e depois colocou em minhas mãos duas grandes fotografias coloridas de pichações feitas em paredes de Karachi.

Em vermelho, uma dizia: “Forças dos Estados Unidos, fora do Golfo – Ulemás Militantes Unidos”. Outra, em marrom, anunciava que “Os Estados Unidos são o maior inimigo do mundo muçulmano”. Um grande cartaz que Bin Laden me passou parecia estar escrito com a mesma letra e mostrava um sentimento antinorte-americano similar expresso pelos *mawlawi* (eruditos religiosos) da cidade paquistanesa de Lahore. Quanto aos talibãs e seu novo e opressivo regime, Bin Laden não tinha mais opção que ser pragmático. “Todos os países islâmicos são meu país”, disse. “Acho que os talibãs são sinceros em suas tentativas de aplicar a *sharia*. Vimos a situação antes e depois de chegarem, e notamos uma grande diferença e uma evidente melhora.”

Mas, quando voltou a sua luta mais importante – contra os Estados Unidos –, Bin Laden parecia possuído. Ao falar dela, seus seguidores na tenda ouviam cada palavra sua como se fosse um messias. Enviara, disse, faxes ao rei Fahd e aos principais departamentos do governo saudita informando sobre sua determinação de prosseguir com uma luta santa contra os Estados Unidos. Afirmou até que alguns membros da família real saudita o apoiavam, bem como alguns funcionários dos serviços de segurança, uma afirmação que, segundo descobri depois, era verdade. Porém, declarar guerra por fax era uma inovação, e havia uma excentricidade na perspectiva que Bin Laden tinha da política norte-americana. Em um instante, afirmou com toda a seriedade que uma alta de impostos nos Estados Unidos levaria muitos estados a se separar da União, uma idéia que talvez pudesse atrair alguns governadores estaduais, mas não pertencia ao mundo real.

Porém, isso foi uma simples distração de uma ameaça muito mais séria. “Acreditamos que nossa luta contra os Estados Unidos será muito mais simples que a travada contra a União Soviética”, disse Bin Laden. “Direi uma coisa pela primeira vez. Alguns de nossos mujahedins que combateram no Afeganistão participaram de operações contra os norte-americanos na Somália e ficaram surpresos com o baixo moral militar norte-americano. Vemos os Estados Unidos como um tigre de papel.” Isso era um erro estratégico de certo vulto. A retirada norte-americana da missão de construção estatal sob o comando do presidente Clinton não se repetiria caso houvesse um presidente republicano, principalmente se os Estados Unidos fossem atacados. É verdade que, com o passar dos anos, a mesma falta de vontade se infiltraria na política militar norte-americana – o Iraque cuidaria disso –, mas Washington, independente do que Bin Laden pensasse, seria um adversário muito mais sério que Moscou. Porém, ele persistiu. E nunca esquecerei as últimas palavras

que Bin Laden me dirigiu nessa noite na montanha pelada: “Senhor Robert”, disse, “desta montanha em que o senhor está sentado, destruímos o exército soviético e acabamos com a União Soviética. E rogo a Deus que nos permita transformar os Estados Unidos em uma sombra de si mesmos.”

Permaneci sentado em silêncio, pensando nessas palavras enquanto Bin Laden discutia minha viagem de volta a Jalalabad com seus guardas. Preocupava-o que os talibãs – apesar de sua “sinceridade” – fizessem objeções a que ele enviasse um estrangeiro para atravessar seus controles depois do anoitecer, de modo que fui convidado a passar a noite no acampamento de montanha de Bin Laden. Permitiram-me tirar só três fotografias, dessa vez à luz do Toyota, que foi aproximado da tenda e seus faróis dirigidos à lona para iluminar o rosto de Bin Laden. Ele se sentou em frente a mim, inexpressivo, uma imagem de pedra, e nas fotografias que revelei três dias depois em Beirute apareceu como um fantasma púrpura e amarelo. Despediu-se de mim sem muita cerimônia, com um breve aperto de mão e um movimento de cabeça, e saiu da tenda, e eu me deitei em um colchão com o casaco por cima para me proteger do frio. Os homens armados sentados a minha volta também dormiram ali, enquanto outros, armados com fuzis e lança-mísseis, patrulhavam os baixos montes que cercavam o acampamento.

Nos anos seguintes eu me perguntaria quem eram. O egípcio Mohamed Atta estava entre os jovens da tenda? Ou Abdul Aziz Alomari? Ou qualquer um dos dezenove homens que todos conheceríamos quatro anos depois? É-me impossível recordar agora seus rostos, cobertos como estavam, muitos deles, com lenços.

O esgotamento e o frio me mantiveram acordado. “Uma sombra de si mesmos” era a expressão que não parava de ecoar dentro de mim. O que nos preparavam Bin Laden e esses homens dedicados e impiedosos? Lembro as horas seguintes como um filme de imagens congeladas; acordando com tanto frio que tinha gelo no cabelo, patinando pela trilha da montanha no Toyota enquanto um dos homens armados da parte de trás me dizia que se estivesse na Argélia me degolaria, mas que havia recebido ordens de Bin Laden para me proteger, de modo que daria sua vida por mim. Os três homens da parte de trás e meu motorista pararam o jipe na desconjuntada estrada Kabul–Jalalabad para rezar a oração do *fajr* (amanhecer). Junto ao amplo estuário do rio Kabul, estenderam suas esteiras e se ajoelharam enquanto o sol saía sobre as montanhas. Ao longe, ao noroeste, via as alturas do Hindu Kush brilhando, tênues, com um branco pálido sob um céu azul igualmente pálido, tocando a fronteira

da China que entrava nas ruínas de uma terra que ainda haveria de suportar mais sofrimento nos anos seguintes. Colinas, rochas, água, árvores antigas e vetustas montanhas, assim era o mundo antes do aparecimento do homem.

E lembro que, voltando com os homens de Bin Laden para Jalalabad, passamos pelos quartéis onde os talibãs armazenavam as armas requisitadas, e apenas poucos minutos depois ouvimos a explosão do arsenal inteiro – granadas, mísseis antitanques, mísseis Stinger, explosivos e minas –, com um terremoto que sacudiu as árvores da rua do hotel Spinghar e nos salpicou de minúsculos fragmentos de metal e páginas arrancadas de manuais norte-americanos que instruíam os “usuários” sobre como dirigir os mísseis contra o avião. Mais de noventa civis viraram pó nessa explosão acidental – um talibã teria jogado uma bituca de cigarro, um único e solitário objeto de diversão, entre as munições? – e depois o argelino se aproximou banhado em lágrimas e contou-me que seu melhor amigo acabava de perecer na explosão. Os homens de Bin Laden, observei, também sabem chorar.

Lembro principalmente os primeiros minutos após nossa partida do acampamento de Bin Laden. Ainda era noite quando vi uma grande luz nas montanhas em direção ao norte. De início pensei que eram os faróis de outro veículo, outro sinal de segurança dos guardas do acampamento para nosso Toyota que partia. Porém, mantinha-se ali durante muitos minutos e tinha um rastro levemente incandescente. Os homens do veículo também a contemplavam. “É o cometa Halley”, disse um deles. Estava enganado. Era um cometa recém-descoberto, observado pela primeira vez apenas dois anos antes pelos norte-americanos Alan Hale e Tom Bopp, mas vi que o Hale-Bopp se transformara em Halley para esses árabes das montanhas do Afeganistão. Passava a toda velocidade sobre nós, deixando o rastro de uma cauda dourada, uma força sublime que se movia a 70 mil km/h pelos céus.

De modo que paramos o Toyota e saímos para contemplar a bola de fogo que brilhava na escuridão que nos envolvia, alguns homens do Al-Qaeda e um inglês, admirados todos com essa manifestação espetacular e maravilhosa de energia cósmica jamais vista em mais de 4 mil anos. “Senhor Robert, sabe o que dizem quando se vê um cometa como este?” Era o argelino, que estava nesse momento junto a mim, enquanto os dois torcíamos o pescoço para olhar para o céu. “Significa que haverá uma grande guerra.” E ficamos ali, contemplando o fogo que resplandecia, entre o espetáculo de estrelas que iluminava o firmamento.